

U. PORTO



Ser Professor para Além do Imediato

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário ao abrigo do Decreto-lei nº 74/2006 de março e do Decreto-lei nº 43/2007 de fevereiro.

Orientador FADEUP: Dr. Tiago Manuel Tavares de Sousa

Francisco José Ribeiro Barros

Porto, julho de 2013

Ficha de Catalogação

Barros, F. (2013). Ser Professor para Além do Imediato. Relatório de Estágio Profissional. Porto: F. Barros. Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador, Tiago Sousa, pela disponibilidade e apoio ao longo de todo o estágio. Pelos conhecimentos transmitidos e pelas experiências partilhadas que em muito influenciaram a minha atuação.

Ao professor cooperante, Carlos Moreira, pelo acompanhamento e orientação ao longo de todo o ano. E por ter tornado este ano um ano de aprendizagens significativas para o meu desenvolvimento profissional.

Aos meus colegas de estágio, Hugo e Marco, pelo apoio e pela partilha de conhecimentos. Pelos excelentes momentos vividos em conjunto.

À escola secundária Joaquim de Araújo, a sua comunidade, em especial aos professores do grupo de Educação Física que sempre demonstraram grande abertura, que me acolheram e fizeram sentir parte importante do grupo.

Ao meu PAI, que sempre me apoiou e deu tudo que o que precisei ao longo deste caminho.

Há minha MÃE, que nunca me deixou que nada me faltasse e sempre esteve lá quando precisei.

A ti PRIMA, Daniela Barros, que estiveste sempre presente, principalmente neste último ano, ouvindo os meus medos e angústias. Por sempre me teres apoio ao longo do meu percurso.

Há minha AMIGA, Fátima Silva, pelas horas e paciência disponibilizadas ao longo deste último ano. Sem ti não sei o que teria sido de mim.

A todos, um sincero e profundo OBRIGADO!

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	III
ÍNDICE GERAL	V
ÍNDICE DE FIGURAS	VII
RESUMO	IX
ABSTRACT	XI
LISTA DE ABREVIATURAS	XIII
1. INTRODUÇÃO	3
2. DIMENSÃO PESSOAL	7
2.1.EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO PROFISSIONAL	11
3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA	17
3.1.CONTEXTO LEGAL E INSTITUCIONAL	17
3.2. A ESCOLA	18
3.3. A MINHA TURMA	20
4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA	25
4.1. ÁREA 1 – “ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM”	25
4.1.1. Conceção do Ensino.....	25
4.1.2. O Planeamento.....	27
4.1.3. A Realização.....	31
4.1.3.1. A Conquista da Turma.....	32
4.1.3.2. A Comunicação	33
4.1.3.3. Os Alunos – Ponto Central da Minha Intervenção.....	35
4.1.3.3.1. Estudo de Investigação-Ação: “ <i>Alunos Problemáticos e os Comportamentos de Indisciplina na Aula de Educação Física</i> ”.....	39
4.1.3.4. AS Modalidades	49
4.1.3.5. A Avaliação.....	52
4.1.4. Ser Professor – Muito Mais Que Lecionar Uma Aula.....	56
4.2. ÁREA 2 E 3 – “PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÕES COM A COMUNIDADE”	58

4.2.1. Desporto Escolar	59
4.2.2. O Futsal Feminino.....	62
4.2.3. Corta-Mato.....	64
4.2.4. Jogos Tradicionais	66
4.2.5. Compal Air	67
4.2.6. Corrida Solidária	68
4.2.7. Feira da Primavera	69
4.2.8. Criar Laços	70
4.2.9. Torneios de Final de Ano.....	73
4.3. ÁREA 4 – “DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL”	75
5. CONCLUSÃO	81
6. REFERÊNCIAS.....	85

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Descrição inicial de um exercício	30
Figura 2 - Evolução na descrição de um exercício	30

RESUMO

O Estágio Profissional constitui-se como uma oportunidade única de colocar em prática todos os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação académica. Este relatório começa por um enquadramento biográfico, refletindo sobre o percurso académico e desportivo ao longo da formação que contribuíram para o professor agora formado. As expectativas em relação ao estágio eram bastantes e ao longo do percurso percorrido algumas foram-se superando. A prática pedagógica desenvolvida ao longo do estágio e o contexto em que esta decorreu, a nível legal e institucional, a caracterização da escola, a turma encontrada foram fatores decisivos para o desenvolvimento do estágio. Para isso foi necessário caracterizar esses fatores e refletir sobre o quanto seriam influenciadores da atuação diária do professor. O ponto central deste relatório foi a realização da prática, onde a atuação do professor é fundamental. Neste ponto a conceção e o planeamento do processo ensino-aprendizagem foram alvo de reflexão ao longo do caminho percorrido, e foram essas reflexões que permitiram melhorar no sentido da aprendizagem e desenvolvimento enquanto professor. A ligação do professor com a turma, a relação de proximidade estabelecida com os alunos foram fatores decisivos ao longo do estágio. As modalidades abordadas ao longo do ano e a sua organização muito centrada no controlo dos alunos problemáticos foram alvo de profunda reflexão sobre a forma como decorreu e o contribuiu para que determinadas organizações tivessem sido utilizadas nas modalidades seguintes. As reuniões, os encontros formais e informais, todos os momentos que contribuíram de forma significativa para a aprendizagem e desenvolvimento profissional do professor também mereceram uma narrativa. Neste caminho foi também desenvolvido um estudo de investigação-ação intitulado “*Alunos Problemáticos e os comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física*”, onde objetivo central consistia em encontrar uma forma de organizar e orientar esses os alunos para melhores comportamentos.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM, REFLEXÃO; INDISCIPLINA;

ABSTRACT

The professional internship established itself as an unique opportunity put in practice all the theoretical knowledge acquired during the academic life. This report begins with an overview biographical, reflecting on the academic and sports throughout the practicum period that contributed to the teacher now graduated. The expectations about the practicum were many and along the path made some of them were overcome. The pedagogical practice developed over the internship and the context in which this took place, the legal and institutional level, the characterization of the school, the class found were decisive factors in the development of the practicum. For this it was necessary to characterize these factors and reflect on how much would be important and influencing in the daily performance of the teacher. The central point of this report was the practical realization, where the performance of the teacher is fundamental. In this point the conception and the management of the teaching-learning process were the target of the reflection during all the path made, and were those reflections that allowed me improve on the learning way and develop me as a teacher. The connection between the teacher and the class, the proximity relationship established with the students were an important factors during the internship. The modalities dealt throughout the year and its organization very focused on control of troubled students were targeted for deep reflection on the manner in which and contributed to certain organizations have been used in following modalities. The formal and informal meetings, all the moments that have contributed significantly to learning and teacher professional development also deserved a narrative. In this way has also been developed an research-action study titled "Troubled students and the disruptive behaviors in Physical Education class", which main goal was to find a manner to organize and guide these students for better behaviors.

KEY WORDS: PRACTICUM TRAINING; PHYSICAL EDUCATION; TEACHING-LEARNING PROCESS; REFLECTION; INDISCIPLINE;

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Avaliação Diagnóstica

AF – Avaliação Formativa

AS – Avaliação Sumativa

EF – Educação Física

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

EP – Estágio Profissional

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

FB – Feedback

MEC – Modelo de Estrutura e Conhecimento

PA – Planeamento anual

UD – Unidade Didática

1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

O presente documento foi elaborado no âmbito da unidade curricular Estágio Profissional (EP), conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

O EP tem como principal objetivo a integração do estudante-estagiário no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, através de uma prática de ensino supervisionada no contexto real de ensino.

Sendo que o presente EP decorreu na escola secundária Joaquim da Araújo, situada no concelho de Penafiel, distrito do Porto.

Durante o EP tive a oportunidade de lecionar, durante todo o ano letivo, uma turma de que o professor cooperante era titular. Sendo que me competia tudo o que dissesse respeito ao processo de ensino-aprendizagem dessa turma, nomeadamente, o planeamento, realização e avaliação da turma em questão. Sempre sob a supervisão e controlo do professor cooperante.

Este foi sem dúvida um ano letivo de muito trabalho, de muitas alegrias, emoções e sentimentos contraditórios. Se por um lado, o limite das minhas forças se avistava a cada virar de página, por outro sentia que tinha que continuar a dar o melhor de mim, pois mais cedo ou mais tarde os resultados apareceriam. Quando falo em resultados, não me refiro apenas a resultados concretos, mas sim a um conjunto de valores, regras e métodos que fui adquirindo ao longo deste ano letivo e que agora me permitem avançar em direção ao “amanhã incerto” que se avizinha, com outra maturidade.

Ao longo deste documento, refletirei principalmente sobre a minha formação profissional que, obviamente, não se resume exclusivamente ao EP. Contudo, não poderei deixar de refletir mais detalhadamente sobre as experiências nesse âmbito, já que foi a esse nível que a minha vivência profissional mais se fez sentir durante esta etapa da minha vida. Será como uma conclusão da reflexão sobre o início da profissão docente e das tarefas realizadas ao longo deste ano.

Assim dividi este documento em cinco capítulos. O primeiro diz respeito à introdução, onde apresento brevemente o que será todo este documento. O segundo capítulo refere-se à *“Dimensão Pessoal”*, onde elaborei uma reflexão auto biográfica do que foi o meu percurso, acadêmico e desportivo, as experiências que vivi que permitiram escolher a docência como futuro. Também apresento o que eram as minhas expectativas iniciais e a sua confirmação (ou não) durante estágio.

O terceiro capítulo diz respeito ao *“Enquadramento da Prática”*, onde procuro caracterizar e descrever o contexto em que decorreu o estágio. Encontra-se dividido em três partes, o contexto legal e institucional, onde enquadro o estágio segundo as normas da FADEUP, a escola, onde caracterizo a escola e o seus espaços, e a minha turma, onde caracterizo os meus alunos.

O quarto capítulo, *“Realização da Prática”*, é o centro de todo o documento, onde reflito sobre tudo o que foi a prática do estágio. Assim dividi este capítulo nas 4 áreas que o documento orientador do estágio profissional define: Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, Área 2 e 3 – “Participação na Escola e relações com a comunidade”, Área 4 – “Desenvolvimento Profissional”.

Na área 1, englobo tudo o que foi o meu processo de conceção, planeamento, realização e avaliação do processo ensino aprendizagem. Problemas e dificuldades que foram surgindo, a forma como foram ultrapassadas. Aqui consta também aquilo que foi o projeto de investigação-ação intitulado *“Alunos Problemáticos e os comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física”*.

A área 2 e 3, reporta todas as atividades desenvolvidas fora do contexto de sala de aula, torneio, caminhadas, visitas de estudo. Atividades essas que contribuíram para o meu relacionamento com a toda a comunidade e para o fortalecimento de laços com os alunos.

Na área 4, descrevo como e de que forma este ano de estágio contribui para o meu desenvolvimento como futuro profissional na área da docência.

O último capítulo diz respeito às conclusões que retiro desde ano letivo, e a sua contribuição para a minha entrada no mundo do trabalho.

2. Dimensão Pessoal

2. DIMENSÃO PESSOAL

O meu nome é Francisco José Ribeiro Barros, tenho 22 anos, sou natural de Vila do Conde, mas resido atualmente em Paredes, distrito do Porto. Estou numa fase extremamente importante da minha vida, o culminar de um objetivo pessoal, terminar o segundo ciclo em “Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário”.

Desde muito novo que me encontro ligado ao Desporto, desde sempre convivi de perto com o Desporto. Se no início e um pouco por influência do meu pai com quem desde pequeno me habituei a ir ao futebol todos os dias fins-de-semana, o meu sonho era ser jogador de futebol como o da maioria dos rapazes. Isso fez com que desde os meus oito anos começasse a jogar futebol, e com o passar do tempo o sonho de ser jogador de futebol foi cada vez maior. Ainda tive uma breve passagem pela natação, apenas durante um ano, não podendo estar ao mesmo tempo no futebol e na natação tive de optar, vencendo a minha vontade de jogar futebol.

Assim Desporto foi algo que me acompanhou desde sempre, não só através da minha prática, mas também por assistir às provas dos meus irmãos quer na natação, quer no futebol. As minhas brincadeiras de criança estiveram sempre ligadas ao exercício, correr, andar de bicicleta, tive uma infância recheada de atividade física.

O que desde cedo me levou a pensar que, caso não conseguisse ser Jogador de Futebol queria ser Professor de Educação Física (EF), esse objetivo foi ganhando cada vez mais força, não apenas pela dificuldade que é ser Jogador profissional, mas pela admiração que sempre tive pelos meus professores de EF, para mim eles sempre foram um exemplo a seguir, tive a sorte de sempre ter excelentes professores de EF que me fizeram ver o quão importante é o Desporto, pois para além de todos os benefícios relacionados com a saúde também nos proporciona momentos inesquecíveis com o Desporto surge os amigos, amizades que ficam para a vida, fui percebendo pelas conversas com os meus professores de EF que o Desporto é muito

importante nas nossas vidas, pois proporciono-nos um bem-estar geral e ao mesmo tempo um sentido de satisfação e realização pessoal.

Recordo-me que muitos dos rapazes e raparigas da minha idade nunca sabiam muito bem o que queriam ser quando fossem adultos ou os que sabiam acabaram por não seguir esse objetivo, eu desde pequeno que sempre que os professores perguntavam que profissão eu queria ter, eu respondia “Futebolista ou professor de EF”.

O primeiro grande passo rumo a este objetivo de ser professor de EF, foi dado em 2005, na passagem para o ensino secundário optei pelo curso Tecnológico de Desporto, foi neste momento que ser professor de EF foi o meu objetivo principal.

Foi também ao longo do ensino secundário que fui percebendo o que é ser professor de EF, pois tinha um contato muito próximo com os professores da escola. Também tive a sorte de neste ciclo encontrar professores com capacidade de, para além de transmitir conhecimentos, saber partilhar experiências sobre o desporto. Foram essas experiências e a forma como os professores falavam das suas vidas ligadas ao Desporto que criaram ainda mais entusiasmo e vontade de querer seguir estudos na área do Desporto.

Fui pesquisar sobre as faculdades existentes, os cursos, foi aí que encontrei a FADEUP, comecei a questionar os professores sobre a instituição e só ouvi elogios sobre a instalações e sobre os professores que lecionava na faculdade, sendo professores bastante conceituados. A partir desse momento interiorizei que era na FADEUP que queria tirar o meu curso de Educação Física, e todos os dias ia para a escola com o objetivo de no final do 12º ano conseguir entrar no que todos diziam ser a melhor Faculdade de Desporto do país, algo que eu queria comprovar.

Entrei para o curso de Ciências de Desporto em 2008, na FADEUP, um sonho cumprido entrar, mas faltava aquilo que muitos diziam ser o mais difícil terminar com sucesso e com os conhecimentos necessários para o exercício da profissão docente. Os primeiros tempos foram difíceis, dificuldades de adaptação, dificuldades em relacionar-me com os novos colegas, mas com o tempo essas dificuldades foram sendo ultrapassadas e comecei a entusiasmar-

me com o curso, muito por culpa de alguns professores que me fizeram perceber o quão gratificante é ensinar.

Foi com esses professores que percebi a importância de um conjunto de competências para o ato de ensinar, pois não se ensina sem um propósito, uma metodologia, um programa e foi nos três anos da licenciatura que me fui apercebendo que lecionar é muito mais do que chegar à escola e mandar correr e dar uma bola aos alunos. Pois é isso que muitas vezes acontece na escola, e que vivi com dois professores que tive na escola.

Perto do fim da licenciatura comecei a sentir que precisava de mais, queria aprender mais, adquirir novas competências e melhorar algumas que já tinha para me tornar num professor de excelência. Concorri então ao segundo ciclo em *“Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário”*, muito sinceramente as minhas esperanças de conseguir entrar eram poucas, pois tinha uma disciplina da licenciatura pendente que só iria fazer na época especial de setembro, mas para minha surpresa e enorme alegria consegui entrar. Uma nova etapa se iniciava na minha vida.

As expectativas eram grandes para este novo percurso da minha formação profissional, imaginava as aulas muito mais práticas, o contato com a lecionação, como seria estar perante um grupo de alunos a lecionar uma aula, como seria toda a preparação antes desse momento. Confesso que o primeiro semestre do curso foi uma completa desilusão devido à quantidade de aulas teóricas que tive e quase nenhuma práticas, parecia mais do mesmo, do que se tinha sucedido na licenciatura. Contudo o segundo semestre rapidamente chegou, e aquilo porque tanto ansiava chegava finalmente, a parte prática, os planos de aula, o contato com os alunos aquilo que desde à muito desejava. Não que considere que a prática é mais importante que a teoria, pois sem um bom suporte teórico não é possível lecionar corretamente, mas a verdade é que o trabalho de campo, dar aulas para mim é muito mais motivante e gratificante do que estar os aspetos teóricos que estão por de trás do bem lecionar. Foi sem dúvida um semestre muito longo, duro, com muito trabalho, com muitas noites em frente ao computador, a ver e a rever trabalhos, unidades didáticas, planos de aula, mas no final o sentimento de realização por

ter conseguido cumprir com sucesso todo o semestre superou todo o trabalho que tive. Considero que esse foi sem dúvida o semestre mais importante de toda a minha formação acadêmica e onde mais aprendi e evolui como aluno, como professor, como gestor do meu tempo, foi sem dúvida um período de enormes aprendizagens.

Terminado o segundo semestre, sentia-me capaz de ir para o ano de estágio, com algumas inseguranças como é óbvio, mas com a certeza de que era capaz de assumir o controle e lecionação de uma turma. Certo de que ainda teria muito a aprender, mas também consciente de que as bases estavam criadas e agora era com a prática que tudo se aperfeiçoaria.

Enquanto professor sinto que sou resultado de várias experiências vividas, não só na faculdade, mas também na escola sobretudo no ensino secundário, onde tive excelentes exemplos. Estando também ligado ao futebol primeiro como jogador depois como treinador, sinto que essas vivências também contribuíram muito para o que sou hoje. Como jogador encontrei todo o tipo de treinadores, com os quais procurei aprender e retirar o melhor de cada, com alguns aprendi como não queria ser, com outros identifiquei-me e segui os seus exemplos. Como treinador sinto ter sido importante o contato com os miúdos, uma vez que isso me irá permitir estar mais à vontade perante os meus alunos e estar melhor preparado para lidar com as suas reações.

Assim para o que sou hoje como professor muito contribuíram as minhas vivências enquanto desportista que estão diariamente comigo nas aulas, principalmente questões ligadas com a liderança, com a psicologia de grupo e o sentido de pertença a um todo. Assim como cada professor que encontrei na faculdade que contribuíram com os vários conhecimentos para a minha formação. Contudo sei que não sou um “produto” acabado, mas que ainda tenho muito a aprender no futuro.

2.1.EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO PROFISSIONAL

O EP representa o fim da formação inicial do Professor. Esta Unidade Curricular visa “a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam, nos futuros docentes, um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão”¹.

Isto significa que este é um momento em que o Estudante aprende a SER PROFESSOR, não apenas teoricamente, mas na prática, com alunos e contextos verdadeiros.

Neste ano de estágio as expectativas eram imensas, a vontade de lecionar era muita, curiosidade em conhecer os alunos, os professores, nomeadamente o professor cooperante, de saber como são as reuniões, o convívio com a comunidade. Tudo isto criou em mim uma enorme ansiedade para que o estágio começasse. Agora, terminado o estágio posso dizer que muitas das expectativas iniciais se concretizaram, outras não passaram disso mesmo.

Começando pelos meus colegas de estágio, logo que vi com quem tinha ficado colocado pensei para mim mesmo, ainda bem, pois são dois colegas com quem já tinha bastante contato, um deles fez comigo toda a formação na faculdade, pelo que já é um amigo, o outro apenas conheci no mestrado mas desde logo tivemos bastante proximidade, pelo que perspetivei logo que este fosse ser um núcleo bastante unido e com espírito de entre ajudar muito grande o que iria ajudar nos vários momentos ao longo do estágio. De facto assim foi, em todos os momentos os meus colegas de estágio se revelaram disponíveis para ajudar, com sentido crítico de forma a enriquecer as minhas competências enquanto professor.

Sobre pelo professor cooperante, de quem já tinha ouvido falar através colegas que tinham estagiado na mesma escola. Após o primeiro contato

¹ Normas Orientadoras do Estágio Profissional, 2012

soube que já tinha estado com ele no Futebol, onde o professor exercia funções de coordenador, contudo o contato tinha sido pouco.

Já tinha uma pequena ideia de quem era o professor, e sem dúvida que ao longo do ano, todas as informações que me tinha transmitido sobre o professor, de alguém sempre disponível para ajudar, com grande abertura para com os estagiários, de fácil relacionamento, e com bastante conhecimento sobre a prática docente, vieram a confirmar-se.

Da escola poucas referências tinha, apenas que era constituída por alguns alunos bastante problemáticos, algo que se confirmou ao longo do ano, dos docentes não tinha referências, mas esperava que fossem pessoas capazes, acessíveis e que facilitassem o nosso processo de integração, algo que se confirmou e para que muito contribuíram os professores do grupo de EF que sempre estiveram disponíveis e demonstraram preocupação para com o núcleo de estágio.

A minha envolvência com a comunidade foi algo que me criou alguma insegurança antes do início do estágio, pois não sou uma pessoa de falar muito, sou muito tímido e constrangido, e tinha receio que isso me fosse prejudicial na fase inicial. Na verdade, isso não aconteceu, pois desde início que o professor e a restante comunidade da escola, pessoal docente e não docente me recebeu com grande à-vontade.

Sabendo um pouco da realidade da escola e dos seus alunos, estava um pouco mentalizado para encontrar uma turma complicada, com bastantes alunos, irrequietos, indisciplinados. Na verdade isso não aconteceu, a minha turma não é bastante numerosa, com exceção de cinco alunos, todos os outros são bastante calmos, disciplinados, respeitadores o que facilitou a minha intervenção, e ao mesmo tempo me motivou no início. Ao contrário das minhas expectativas encontrei uma turma dita normal, com exceção de um pequeno grupo de alunos, que eram um pouco indisciplinados.

A preparação das aulas, os Modelos de Estrutura de Conhecimento (MEC), os planos de aula, todo o processo que está por de trás da aula em si foi algo sobre o qual tinha como sendo o que me iria ocupar mais tempo, que iria ser algo que me iria causar algumas dúvidas, onde teria de voltar a rever

alguns conceitos, onde teria de pesquisar sobre as modalidades, e de facto assim foi, este aspeto foi numa fase inicial aquele que mais dificuldades me causou, que mais “trabalho” me deu, contudo essas dificuldades foram-se dissipando com o tempo e com a prática. Neste momento penso ser capaz de planear uma aula em metade do tempo do que demorava nas primeiras e de forma mais equilibrada e exequível. Com a passagem das aulas, fui conseguindo ter uma melhor noção, quer dos exercícios mais adequados, quer do tempo que os alunos necessitavam de os exercitar. Nas primeiras aulas senti muita insegurança, quer na explicação dos exercícios, quer na forma de me relacionar com os alunos. No caso da instrução, os conselhos do professor cooperante e dos meus colegas estagiários ajudaram-me a ter maior confiança e a ser mais competente.

3. Enquadramento da prática

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA

3.1.CONTEXTO LEGAL E INSTITUCIONAL

O EP é uma unidade curricular do segundo ciclo de estudos do segundo ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP. A estrutura e funcionamento do Estágio Profissional ponderam os princípios decorrentes das orientações legais do Decreto-lei nº 74/2006² de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007³ de 22 de Fevereiro e têm em consideração o Regulamento Geral dos segundos Ciclos da Universidade do Porto, o Regulamento geral dos segundos ciclos da FADEUP e o Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Física.

O EP é superiormente enquadrado pela Comissão Científica do Curso de Segundo Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física, presidida pelo Diretor do Curso. A organização da unidade curricular é da responsabilidade do professor regente, em estreita relação com a Comissão Científica e a Comissão de Acompanhamento do Curso de Mestrado em Ensino.

O EP é uma unidade curricular do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física da FADEUP e decorre no terceiro e quarto semestre deste ciclo de estudos. Com início no dia 1 de Setembro e com término no final do ano letivo das escolas básicas e secundárias onde se realiza o Estágio. A FADEUP segue um modelo de formação baseado num estágio, em que cada estudante deve permanecer em Prática Pedagógica Supervisionada durante um ano letivo, tendo a seu cargo uma turma.

² Garante a qualificação dos portugueses no espaço europeu, concretizando o Processo de Bolonha.

³ Define as condições necessárias à obtenção de habilitação profissional para a docência. A habilitação para a docência passa a ser exclusivamente habilitação profissional.

Nesta perspetiva, o estagiário surge como um professor semiautónomo que atua num contexto real de ensino, sobre a supervisão dos seus orientadores. Semiautónomo na medida em que tem de ser autónomo na realização de todo o processo de ensino aprendizagem da sua turma, mas sempre com a supervisão e controlo do professor cooperante.

3.2. A ESCOLA

O local de escolha para o meu estágio profissional foi a escola secundária Joaquim de Araújo, desde cedo foi a minha primeira opção não só pelas referências que tinha de antigos estagiários mas também por se situar perto de minha casa. É uma escola que iniciou a sua atividade no ano letivo de 1997/1998 e localiza-se na cidade de Penafiel, atualmente a Escola Secundária Joaquim de Araújo e a Escola de Penafiel Sul uniram-se formando a partir deste ano letivo, o Agrupamento de Escolas Joaquim de Araújo.

A escola tem uma oferta educativa essencialmente ao nível Secundário, acolhe basicamente os alunos vindos das freguesias do sul do concelho. Apesar desta tendência, esta escola recebe alunos da maioria das 38 freguesias do concelho, o que cria numa escola uma heterogeneidade de alunos, com educação e princípios bem diferentes o que por vezes conduz a uma frequente dificuldade de adaptação à escola e ao ambiente escolar de determinados alunos.

Relativamente à oferta formativa a escola abarca os cursos Profissionais e o Curso de Educação e Formação tipo 3 que permitiu colocar o abandono escolar no 3.º Ciclo em valores muito baixos e diminuí-lo de forma muito acentuada no ensino secundário, o mesmo acontecendo no insucesso escolar tanto no ensino básico quanto no secundário.

Esta é uma escola de referência na região para alunos invisuais ou de baixa visão, possuindo a escola alguns equipamentos, como ampliador de caracteres, linha braille e leitor de ecrã, que permite melhorar a qualidade de ensino dos alunos com essas necessidades.

Para acolher alunos com necessidades educativas especiais é necessário que os docentes da escola sejam pessoas com grande abertura e de fácil relacionamento e sem qualquer tipo de preconceitos. E eu pude confirmá-lo como estagiário, pois toda a comunidade docente foi bastante acolhedora e simpática, em especial o Grupo de Educação Física com quem tive mais contato ao longo do meu estágio. O Grupo de EF é composto por 7 professores (4 homens e 3 mulheres) e ainda pelos 3 estagiários.

O Professor Cooperante teve uma função fundamental ao longo de todo o estágio sendo o principal responsável pelas turmas, pois era o professor titular da turma. Tendo sido numa primeira fase extramamente importante no meu processo de integração na comunidade, assim como na realização da prática, onde sempre me deu bastante autonomia, mas também responsabilidade, ou seja, sempre controlando o que se ia passando nas minhas aulas e todo o trabalho subjacente à prática.

O Orientador da Faculdade, teve uma função mais afastada do dia-a-dia da escola, estando apenas presente em 3 momentos de atuação pedagógica. Por outro lado, foi o responsável pela orientação do estágio, ou seja, transmitiu as informações que existem na FADEUP, e supervisionou a execução dos documentos pedidos pelo regulamento.

No que diz respeito às instalações para a realização das aulas de EF, a escola possui 4 espaços, o pavilhão, o ginásio, o campo exterior e o espaço à volta do pavilhão. No pavilhão aborda-se essencialmente as modalidades coletivas, como o Basquetebol, Andebol, Voleibol e a Patinagem, nas minhas aulas utilizei este espaço para lecionar o Basquetebol e a Patinagem. No ginásio aborda-se a dança, o Atletismo e a Ginástica sendo que nas minhas aulas utilizei o espaço para o Atletismo e para a Ginástica. O campo exterior permite a abordagem de Futebol, Andebol, Basquetebol, Atletismo e Orientação, nas minhas aulas este espaço foi utilizado para as modalidades de Basquetebol, Atletismo e Orientação. O espaço à volta do pavilhão permite abordar o Atletismo e a Orientação e foram essas modalidades que abordei neste espaço. Relativamente ao material desportivo para utilizar nas aulas de

EF a escola possui uma grande variedade para as diversas modalidades, assim como a quantidade suficiente para cada turma.

De forma a tornar mais fácil a organização dos professores relativamente ao espaço a utilizar para lecionar as suas aulas, e de forma a não estarem dois professores no mesmo espaço, foi criado no início do ano um roulement, em que cada professor estava num espaço durante duas semanas e ao fim desse tempo passava para outro espaço. Existindo quatro espaços, um professor só voltava ao mesmo espaço passado seis semanas, esta condicionante ao nível da utilização dos espaços em muito influenciou a minha planificação.

Desde início que o roulement me criou algumas dificuldades ao nível do planeamento, pois mudando de espaço na maior parte das vezes não era possível continuar com a mesma modalidade. Isto fez com tivesse de distribuir as diferentes modalidades ao longo dos diferentes períodos de acordo com o espaço disponível.

Sem dúvida que o roulement teve grande interferência nas decisões que fui tomando ao longo do ano, pois muitas vezes tinha de ter em conta não só o espaço que me estava destinado mas também as condições climáticas no caso de ser um dos espaços exteriores.

3.3. A MINHA TURMA

Relativamente à turma que com realizei a minha prática pedagógica foi uma turma do 3º ciclo do 7º ano. Uma turma constituída por 21 alunos, maioritariamente rapazes (16). Os alunos têm entre os 16 e os 11 anos de idade, é uma turma constituída na sua maioria por alunos repetentes, daí a idade não ser condizente com o esperado para este ano de escolaridade.

Esta heterogeneidade de idades desde logo acarretou implicações do ponto de vista da conceção das aulas. Pois dentro da turma existiam alunos com diferentes níveis de maturação, é nestas faixas etárias ocorrem diversas alterações morfológicas e funcionais que interferem diretamente no envolvimento e na capacidade de desempenho desportivo. A puberdade é um

período dinâmico do desenvolvimento marcado por rápidas alterações no tamanho e na composição corporal.

Segundo Gallahue e Ozmun (2002), as capacidades de coordenação motora são à base de uma boa capacidade de aprendizagem sensório motor.

Quanto mais elevado for seu nível de desenvolvimento, mais rápido e mais seguramente poderão ser aprendidos movimentos novos ou difíceis, com uma economia de esforço, propiciando melhor orientação e precisão (Pereira, 2002).

O processo de aquisição de habilidades e capacidades motoras, assim como o desempenho desportivo, emerge em função das interações entre fatores biológicos e ambientais. Na adolescência, o ritmo de maturação biológica, em conjunto com as experiências anteriores, resulta numa grande variabilidade no desempenho motor. Assim senti necessidade de no concepção do processo de ensino aprendizagem diferenciar os alunos de acordo com o seu nível de maturação, primeiramente nas tarefas propostas e depois no momento da avaliação.

No que diz respeito ao comportamento da turma, encontrei de certa forma uma turma bem comportada, mas que no seu interior possui um pequeno grupo de alunos problemáticos capaz de perturbar o bom funcionamento das aulas. Esses alunos revelavam claramente dificuldade de concentração, dificuldade de cumprir as regras, facilmente revelavam comportamentos de indisciplina, como atos de violência e linguagem desapropriada por a aula.

Isto levou a que tivesse de tomar algumas medidas desde que percebi que alunos eram e como agiam, passei a ser mais rigoroso no cumprimento de algumas regras fundamentais para o bom funcionamento da aula, assim como procurei ser mais próximo deles para perceber o porquê de se comportarem dessa forma e ao mesmo tempo tentar modificar esse comportamento. Também tive sempre o cuidado de no colocar esses alunos no mesmo grupo, em grupos próximos ou em oposição direta, situações que normalmente conduziam a desacatos e comportamentos agressivos por parte destes.

Na turma também existe um aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE), baixa visão, contudo esse aluno realiza aula, mas com

determinadas limitações, nomeadamente na ginástica, onde não pode fazer rolamentos e outros movimentos que envolvam movimentos com a cabeça, assim como também não podia realizar patinagem por possuir dificuldades coordenativas ao nível do córtex cerebral.

Relativamente à prática no global a turma revela disponibilidade para fazer aula, sendo que é uma turma bastante heterogénea relativamente às suas habilidades motoras, resultado dos diferentes estados de maturação em que se encontram os alunos.

A turma possui um grupo restrito de alunos com grandes capacidades do ponto de vista da coordenação e da força por outro lado grande parte dos alunos revela ter as suas capacidades pouco desenvolvidas reflexo disso são as limitações ao nível das habilidades motoras básicas, como o correr, saltar, flexão dos membros superiores.

No seu geral a maior parte dos alunos revelou fraca capacidade aeróbia, através do teste da milha, com exceção de um aluno que revelou grande capacidade. De resto esse mesmo aluno revelou habilidades motoras bastante desenvolvidas, resultada das suas excelentes capacidades físicas, quer ao nível da força como da coordenação.

4. Realização da prática

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA

Neste ponto do meu relatório de estágio irei relatar as minhas experiências vividas ao longo do EP no exercício da profissão do docente. Para isso dividi este bloco do relatório nas 4 áreas que o documento orientador do estágio profissional define: Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, Área 2 e 3 – “Participação na Escola e relações com a comunidade”, Área 4 – “Desenvolvimento Profissional”.

4.1. ÁREA 1 – “ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM”

Aqui englobo aquilo que foi a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino. Tudo o que foi por mim realizado será alvo de análise, através das reflexões efetuadas ao longo do estágio dos problemas e dificuldades que foram surgindo. Sem dúvida que foi esta foi a área mais trabalhosa, onde senti a necessidade de investir grande parte do meu tempo, refletindo sobre o que acontecia na minha prática diária.

4.1.1. CONCEÇÃO DO ENSINO

A conceção esteve relacionada com todos os pressupostos necessários para o arranque do ano letivo, constituindo uma estratégia de intervenção, orientada por objetivos pedagógicos, que com eficácia pedagógica me levou a todo um processo de formação dos alunos.

Esta foi uma tarefa extremamente importante numa primeira fase da minha atividade docente. Procurei recolher toda a informação possível para melhor projetar a minha prática como as características e localização da escola, a diversidade dos alunos, os recursos materiais e humanos.

Senti ainda necessidade de rever um dos trabalhos realizados na disciplina de Didática Geral do 1ºano do mestrado relativamente ao programas curriculares dos vários ciclos de ensino, isto permitiu-me não só relembrar que

modalidades o programa refere para cada ano assim como os níveis de ensino, contudo logo aqui começaram a surgir dúvidas, intrigas que me levaram à reflexão, pois muitos dos níveis a que os programas se referem não são possíveis de aplicar na escola. Este aspeto conduziu a que desde o início eu tivesse consciência que deveria ter como referência os meus alunos e as suas capacidades e não tanto aquilo que os programas referem.

O ensino da EF deve ir muito para além daquilo que são as habilidades motoras a desenvolver nos alunos, a capacidade física, os conceitos psicossociais e a cultura desportiva devem ser aspetos em ter em conta quando pensamos no que é o ensino da EF. Nesse sentido o professor deve ter a preocupação de na conceção do ensino englobar todos esses aspetos de forma a proporcionar aos alunos uma aprendizagem completa de tudo o que é a EF e os seus objetivos.

Para Rosado (2011, p.9) *“A Educação Física e o Desporto desempenham um papel muito importante não só no desenvolvimento físico mas, também, na área de desenvolvimento pessoal, social e moral dos estudantes”*. A EF assume-se como área importantíssima na formação integral dos alunos, de tal forma que Crum (1993), refere três objetivos a alcançar nas aulas de EF: a aquisição de condição física, a estruturação do comportamento motor e a formação pessoal, social e cultural.

A EF configura-se também como um meio por excelência para a transmissão de valores fundamentais para o dia-a-dia dos alunos. Nesse sentido tornam-se extremamente importantes as atividades extracurriculares, como o Desporto Escolar e os torneios organizados pelo grupo de EF. Que se configuram como momentos onde os alunos podem colocar em prática o que o aprenderam nas aulas de educação não só as habilidades motoras, mas também os conceitos psicossociais e a cultura desportiva que foi sendo abordada ao longo das aulas.

Nesta linha de pensamento surge Rosado (2011), que defende que mais do que o aperfeiçoamento físico e a criação de hábitos de vida saudável, a EF representa um prepósito de educação social, cívica, intercultural, alicerçada nos valores da fraternidade, camaradagem, cooperação e respeito.

4.1.2. O PLANEAMENTO

Segundo Mesquita (2000), o planeamento deve contemplar antecipadamente tudo o que deve de ser realizado, como deve ser feito e quem é que o deve efetuar.

Planear é uma das principais funções da atividade docente, planear como, quando, onde e o que abordar com os seus alunos. Esta é sem dúvida uma tarefa bastante complexa e exigente nos primeiros anos de prática, principalmente para os estagiários, como foi o meu caso.

Numa primeira fase do planeamento foi determinante uma reunião que existiu do grupo de educação física onde se definiram que modalidades abordar em cada ano e o número de aulas a dedicar a cada uma. Isto foi sem dúvida uma grande ajuda no meu planeamento, pois permitiu ter já uma ideia do que seria o meu ano no que diz respeito às modalidades a abordar.

Esta primeira etapa foi importante para mim não só para saber o que iria abordar ao longo do ano, mas também para perceber a forma como os professores mais exigentes preparam não só um ano letivo, mas também os ciclos de ensino. Pois nesta reunião ficaram definidas as modalidades a abordar em todos os anos, e neste planeamento o grupo teve o cuidado de escalonar as modalidades de forma que não se repitam durante o mesmo ciclo de ensino, ou seja, não abordam basquetebol no 7º e no 8º ano por exemplo, isto permite que os alunos tenham uma vivência mais alargada de modalidades e não abordem as mesmas modalidades, as mesmas situações em anos diferentes.

Assim o projeto curricular de EF do agrupamento de escolas de Joaquim de Araújo, perspetiva que em diferentes anos se abordem modalidades diferentes. O que na minha opinião é bastante importante de forma a proporcionar aos alunos um contato com uma grande variedade de modalidades.

A este nível a primeira grande tarefa a realizar foi o planeamento anual (PA) segundo o Modelo de Estrutura e Conhecimento (Vickers, 1990). Esta foi uma das tarefas realizadas em conjunto pelo núcleo de estágio, onde em conjunto elaboramos os 7 módulos, tendo como base os programas, os nossos

alunos e as decisões tomadas no grupo de EF relativamente às modalidades a abordar em cada ano. Para este planeamento também tivemos em conta os recursos materiais da escola, o *roulement* dos espaços de aula para o planeamento ser o mais próximo da realidade possível.

Na realização desta tarefa surgiram algumas dúvidas, nomeadamente na forma de articular as diferentes modalidades entre si, se seriam abordadas em primeiro lugar as modalidades coletivas e depois as individuais. Optamos por tentar intercalar as duas, ou seja, de acordo com o espaço disponível, se fosse o pavilhão ou o campo exterior optamos por uma modalidade coletiva ou patinagem (algo que na escola os alunos gostam muito), se fosse no ginásio ou no espaço exterior abordavam-se as modalidades individuais como ginástica, atletismo ou orientação.

A metodologia utilizada para a avaliar os alunos e a forma como avaliar as quatro categorias transdisciplinares também foi incluída no PA, e será descrita mais à frente neste documento. No PA também incluímos as atividades a desenvolver pelo grupo de EF, como o corta-mato, o Compal Air, os jogos tradicionais e torneios de encerramento do período.

A tarefa seguinte foi a construção das várias Unidades Didáticas (UD), algo que aprendi realmente a valorizar, pois fui percebendo com o decorrer do estágio a sua importância. Quando surgiam dúvidas relativas às componentes críticas, aos exercícios que poderia realizar nas várias situações era a este documento que eu recorria para esclarecer todas as dúvidas.

A elaboração das UD foi uma tarefa que no início me causa algumas dificuldades, principalmente no módulo 8 “Progressões de ensino” onde normalmente sentia dificuldades em encontrar exercícios que fossem de encontro ao objetivo que pretendia. Este também foi o módulo a que mais recorria ao longo das aulas, pois grande parte dos exercícios aplicados nas aulas constavam aqui. Com a prática, a construção das unidades didáticas tornaram-se uma tarefa mas simples e as dúvidas foram sendo cada vez menos.

Inicialmente as minhas UD eram bastante extensas, com muita informação, principalmente no módulo 1, onde muitas vezes incluía informação

que não ia utilizar nas minhas aulas. Com a prática e através dos feedbacks que fui recebendo do professor orientador, comecei a ser mais sintético e consegui focar-me no que era essencial para as minhas aulas, com isso consegui construir UD mais curtas e em que a informação realmente importante estava lá. Isso tornou as minhas UD mais fáceis de consultar o que facilitou muito a minha atuação diária.

O passo seguinte do planeamento foi a realização dos planos de aula. Como modelo de plano aula inicialmente estávamos a utilizar um que tinha sido elaborado no ano anterior pelo nosso grupo de trabalho, mas após refletir juntamente com o professor cooperante decidimos adotar um modelo sugerido pelo professor.

A elaboração do plano foi uma tarefa que inicialmente me criou bastantes dificuldades, demorava imenso tempo a elaborar um plano de aula, a selecionar os exercícios, a escrever corretamente os objetivos comportamentais de cada exercício. Para evoluir neste aspeto foi muito importante um momento de reflexão junto com o professor cooperante onde nos forneceu algumas dicas de como pensar e escrever sobre o objetivo comportamental. Interligar as componentes críticas com o objetivo comportamental também foi algo que no início demorava muito tempo a conseguir fazer, mas com a prática, com a reflexão sobre o que tinha feito fui aperfeiçoando e melhorei. O que no início demorava uma tarde a fazer, no final do estágio fazia em muito menos tempo.

Figura 1 - Descrição inicial de um exercício

<p>5. Cortar para o cesto; Receber a bola no espaço livre; Lançar em apoio; Lançar em suspensão;</p>	<p>5. 3x2 Jogo de 3x2 numa tabela. A jogada inicia-se com a bola no corredor central, realizando passe para um dos colegas e cortando para o cesto, se receber a bola na zona livre (zona em que os defesas não podem entrar) lançar (1º em apoio depois em suspensão) para o cesto. Após terminada a jogada, os alunos rodam uma posição para a direita de forma a todos passarem por todas as posições.</p>	<p>5. Mantém contanto visual com o passador; Enquadra com o cesto (de frente e virado para este); Pernas e joelhos ligeiramente flectidos; Quando em apoio o lançamento com uma só mão ou com as duas; Bola impulsionada por um forte movimento de pulso; Mão lançadora segue a trajectória da bola. Quando em suspensão lançamento com uma só mão.</p>	<p>5. Grupos de cinco elementos.</p>
--	---	---	--------------------------------------

Figura 2 - Evolução na descrição de um exercício

<p>3. Realizar passe de peito e picado, em situação de jogo (3x2), cortando para o cesto através de desmarcações.</p>	<p>3. Jogo de 3x2 numa tabela. Os três atacantes partem da zona do meio campo e os defesas saem da tabela. Após terminada a jogada, os alunos rodam uma posição para a direita de forma a todos passarem por todas as posições.</p>	<p>3. Recebe e passa a bola com as duas mãos; Corte para o cesto; Procura linhas de passe.</p>	<p>Grupos de cinco elementos.</p>
---	---	--	-----------------------------------

Ao conseguir escrever corretamente o objetivo comportamental, com o contexto, a ação e o critério de êxito bem definidos rapidamente chegava às componentes críticas do exercício, o que levava a que me viesse logo à cabeça um exercício que fosse capaz de trabalhar o que pretendia.

Se no início procurava diversificar bastante os exercícios, procurando não os repetir, percebi que isso não era o mais adequado, pois perdia bastante tempo em transições, os alunos não assimilavam os conteúdos, não adquiriam rotinas na realização dos exercícios.

Foi com as reflexões que fazia no final da aula e com os *feedbacks* dos meus colegas de estágio, que percebi que isso não estava correto e modifiquei a minha forma de pensar e comecei a adotar exercícios padrão para aplicar nas aulas, com os quais os alunos já estavam rotinados, procurei também criar exercícios em que fosse fácil a transição para outros exercícios do ponto de vista da estrutura para não perder muito tempo com a transição.

Com este tipo de práticas consegui rentabilizar bastante o meu tempo de aula e os meus alunos começaram a adquirir rotinas e hábitos bastante

importantes para o bom funcionamento da aula. Para que esta alteração tivesse acontecido nas minhas aulas muito contribuiu o ato de reflexão que sempre me acompanhou ao longo do meu estágio, foi através dessa reflexão que evolui como professor.

O plano de aula representa toda a preparação e reflexão que antecede cada aula, ou seja, é o reflexo daquilo que o professor pensou para a aula, podendo ser alterado sempre que se justifique.

Se inicialmente tentava seguir o plano de aula à risca, realizando todos os exercícios que constavam no plano, com o tempo exato de cada um, com o objetivo de mostrar que o meu planeamento estava correto e não tinha defeitos, com as reflexões que realizava no final de cada aula fui percebendo que o plano de aula era apenas um guião e que não me devia fixar em demasia ao que estava estipulado.

O plano de aula passou a servir essencialmente para me guiar, e era segundo as informações que a aula me transmitia, como o empenho e a motivação dos alunos, o fluidez dos exercícios, que me iriam dizer se devia continuar a guiar pelo plano de aula, ou devia procurar outros caminhos.

Este foi um dos pontos onde a minha evolução foi maior, pois se inicialmente segui o plano à risco com o avançar do estágio esse plano era apenas um guia para mim, onde a qualquer momento eu era capaz de modificar o que tinha planeado, e caso percebesse que um exercício não corria como pretendia rapidamente passava para outro, que por vezes nem constava no plano mas que eu sabia que se enquadrava com os objetivos da aula.

4.1.3. A REALIZAÇÃO

Entende-se por realização, a condução da aula com eficácia, atuando de acordo com as tarefas didáticas e tendo em conta as diferentes dimensões da intervenção pedagógica⁴

⁴ Normas da FADEUP

4.1.3.1. A CONQUISTA DA TURMA

Inicialmente e seguindo os conselhos do professor orientador, a minha atuação foi de certa forma mais rígida e sem permitir grande confiança aos meus alunos, tendo desde a primeira aula incutido regras e rotinas a cumprir para o bom funcionamento das aulas.

O estabelecimento de regras e rotinas é extramente importante, assim introduzir regras relativas à segurança (cabelos presos, relógios e outros adereços), e rotinas relativas à entrada no espaço de aula (como entrar e onde aguardar instruções por parte do professor), a arrumação do material e o juntar toda a turma quando o professor chama (contagem até 3 quem não estiver sentado é penalizado).

Penso que este foi um fator decisivo para rapidamente ter conseguido controlar a turma e fazer-me respeitar perante os meus alunos. Contudo com o passar do tempo, essa faceta de professor “carrancudo” foi desaparecendo e comecei a ter uma relação mais próxima com os meus alunos.

Penso que foi esta minha postura inicial e depois a progressiva passagem para um professor mais próximo do aluno que me permitiu ter uma excelente relação com a minha turma ao longo de todo o ano letivo.

O controlo da turma e conseqüente fluir de aula foi algo que desde o início do estágio consegui ter, contudo isso fez com que eu me “escondesse” um pouco durante as aulas, a minha postura mostrava que tinha a aula controlada, mas muitas vezes parecia que não existia professor na aula, isso era mau? Se não tivesse sido a chamada de atenção feita pelo professor cooperante e posteriormente pelo professor orientador eu poderia ter perdido o controlo da turma, mas isso não aconteceu, pois após essa chamada de atenção eu modifiquei a minha postura, passando a ser mais interventivo nas minhas aulas, não tanto ao nível da repreensão de comportamentos, mas mais na comunicação para a aprendizagem.

Para que tivesse melhorado muito a supervisão da turma, muito contribuíram os *feedbacks* do professor cooperante e dos meus colegas de estágio relativos ao meu posicionamento durante o decorrer da aula. Penso que este foi um dos pontos onde mais evoluí no primeiro período, pois recordo-

me de nas primeiras aulas muitas vezes me colocar no meio da turma o que não me permitia ter uma visão de todos os alunos.

Com a passar do tempo fui corrigindo esse aspecto e passei a utilizar movimentações e posicionamentos mais adequados (andar por fora dos grupos, por exemplo) para cada situação, que me permitiam manter toda a turma “de baixo de olho”. Neste aspecto foi fundamental saber agir “perto à distância”, ou seja ser capaz de intervir com eficácia num grupo que se encontra longe de onde me encontrava em algumas situações.

Durante este processo de evolução como professor foi-me possível experimentar vários tipos de estratégias para controlar a turma e perceber o que se adequa melhor em cada situação, para isso foi fundamental não só experimentar mas também refletir sobre o que acontecera em cada situação e porquê de utilizar uma estratégia numa determinada situação.

4.1.3.2. A COMUNICAÇÃO

No processo de ensino-aprendizagem existe uma constante interação entre o professor e os alunos. Nas aulas, o professor fornece constantemente informação aos alunos, primeiro sobre a tarefa, e dentro desta, informação relativa à prestação do aluno, ou seja, à forma como executa as habilidades motoras.

No meu processo de intervenção junto dos alunos a comunicação foi também alvo de especial atenção desde início. A linguagem e o vocabulário são aspetos que o professor deve ter sempre presente no momento do seu discurso. Sem dúvida que a forma como o professor transmite o que pretende é fundamental para a criação de um bom clima de aprendizagem.

Nos momentos de instrução procurei que a minha informação fosse clara e concisa, assim procurei nestes momentos ser rápido utilizando palavras-chave de forma a diminuir o tempo de instrução e a facilitar a apreensão da informação por parte dos alunos. Para manter os alunos atentos e concentrados neste momento utilizei durante todo o ano uma estratégia, sentar os alunos para conseguir ter uma visão de todos, essa foi uma das rotinas

estabelecidas desde o primeiro momento, sempre que o professor chamava os alunos sentavam-se à sua frente para ouvir a informação a ser transmitida.

Neste momento procurei sempre transmitir a informação de forma calma e clara, com entusiasmo, utilizando uma linguagem que fosse de encontro aos alunos com o objetivo de facilitar a receção da informação.

Na realização das tarefas por parte dos alunos procurei sempre utilizar de forma adequada o *feedback* (FB) pedagógico. Segundo Carreiro da Costa (1988), por *feedback* pedagógico entende-se, toda a reação verbal ou não verbal do professor à prestação motora ou cognitiva do aluno com o objetivo de o interrogar sobre o que fez e com o fez e de avaliar, descrever e/ou corrigir a sua prestação.

Durante as minhas aulas o FB pedagógico foi uma constante, através dele procurava transmitir informação aos alunos sobre a sua prestação, isto é, os seus erros e formas de os corrigir e evitar. Muitas vezes os meus *feedbacks* também exerceram uma função de reforço do comportamento e de motivação para o aluno.

O *FB* mais utilizado durante as minhas aulas foi o prescritivo, que segundo Piéron (1992) é o que produz melhores efeitos nos alunos mais novos. Com este tipo de *FB* confrontava/questionava o aluno sobre a sua prestação, por exemplo “*como estás posicionado?*” “*os teus apoios estão corretos?*” “*que devias ter feito?*”. Com estes *feedbacks* pretendia colocar o aluno a pensar e a descobrir os erros da sua prestação, em vez de lhe dar as respostas.

A utilização deste tipo de *FB* conduzia ao que no ensino-aprendizagem se denomina de descoberta guiada. Este estilo de revela um relacionamento particular professor-aluno, no qual a sequência de perguntas do professor conduz a sequência de respostas do aluno, num processo convergente, guiando-o na descoberta de uma ideia ou princípio desejado (Rodriguez 2003).

O resultado obtido com a utilização deste tipo de *FB* foi bastante interessante, primeiro porque consegui que os alunos pensassem por eles próprios, e depois porque a determinada altura quando ainda estava a

formular a pergunta o aluno já estava a responder porque rapidamente tinha percebido o seu erro.

Segundo Piéron (1992), este tipo de FB quando utilizado de forma adequada pode sensibilizar o aluno, empenhá-lo e ajudá-lo a melhor perceber em que é que o seu comportamento motor se desvia do padrão desejado e como alterá-lo.

Claro que nem sempre este tipo de FB se adequa, pois numa fase inicial da aprendizagem, este deve ser mais descritivo de forma que o aluno perceba como fez e como deve fazer. Tendo sido esse tipo de FB que transmitia no início das UD, com o decorrer destas passava para o FB prescritivo de forma a colocar os alunos a pensar.

“Na transmissão dos feedbacks procurei sempre que este tivesse conteúdo, não dizendo apenas “isso” ou “esta mal”, mas que estes tivessem informação condizente com o objetivo do exercício, como “não vás de primeira” ou “oferece linda de passe segura”, também utilizei com alguma frequência a descoberta guiada questionando os alunos sobre o seu posicionamento “olha como estás colocado” ou “porque é que ele passou”, de forma a desenvolver a capacidade de pensar dos alunos”

Diário de Bordo 16 de maio

4.1.3.3. OS ALUNOS – PONTO CENTRAL DA MINHA INTERVENÇÃO

Os alunos foram desde o primeiro momento os elementos centrais da minha atividade. Numa das primeiras reuniões que tivemos com o professor cooperante ele colocou-nos uma apresentação onde fazia referência ao professor do séc. XXI que deve ter no centro de todo o processo de ensino aprendizagem do aluno. O aluno deve ser a preocupação central do professor, é para o aluno que o professor deve direcionar toda a sua atenção, nas aulas devemos ir de encontro às necessidades dos alunos.

Assim o professor deve procurar perceber os seus alunos, como sujeitos portadores de problemas e potencialidades. Foi nesta lógica que procurei sempre incentivar os alunos para a prática, recorrendo a exercícios

motivadores, desafiantes, utilizando muitas vezes a competição, tendo sempre presente as dificuldades dos alunos.

Ao longo de todo o processo tive bem presente uma frase do professor cooperante “dar aos alunos o que nós queremos da forma que eles gostam”, esta frase levou-me sempre a pensar que devia procurar que a minha atuação tivesse como ponto central os alunos e a sua realização pessoal.

Ao longo de toda a minha atividade procurei perceber os alunos, ainda que numa fase inicial tivesse tido alguma dificuldade em aproximar-me deles para não permitir abusos de confiança. Com o passar do tempo fui sendo mais próximo dos meus alunos, tendo conseguido estabelecer com eles uma relação de confiança, que levou a que eles muitas vezes viessem falar comigo sobre assuntos das suas vidas pessoais, contando acontecimentos no dia-a-dia deles.

Isto foi extramente importante para que no momento da aula eles me respeitarem e eu os compreendesse, nomeadamente algumas reações que determinados alunos tinham, o que me permitiu lidar com determinadas situações.

Como turma, procurei que os meus alunos desenvolvessem o trabalho de equipa através da cooperação e apoio entre todos, através de exercícios em que o êxito fosse possível através de um trabalho em equipa. Na minha atuação procurei também aumentar a autonomia e responsabilidade dos meus alunos, desenvolvendo o trabalho autónomo sem a constante supervisão do professor o que conduzia a comportamentos de responsabilidade por parte dos alunos. Este trabalho foi mais evidente na abordagem da modalidade de Orientação, onde os alunos andavam dispersos pela escola a realizar as tarefas sem um controlo tão próximo do professor.

“...optei por realizar uma prova de Orientação de forma a preparar os alunos para a avaliação final da modalidade. A prova correu bastante bem, para isso muito contribuiu o sentido de responsabilidade, pois os alunos tem de andar dispersos pela escola de forma autónoma, não tendo o professor forma de controlar todos os alunos”

Diário de Bordo 5 de março

A minha turma possuía alguns alunos com personalidades complicadas, alunos que facilmente revelavam comportamentos de indisciplina. O que me suscitou desde início alguma intriga em perceber o porquê desses comportamentos e a melhor forma para anula-los, foi assim que surgiu o meu estudo de investigação-ação, intitulado *“Alunos Problemáticos e os comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física”*.

4.1.3.3.1. ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO: “ALUNOS PROBLEMÁTICOS E OS COMPORTAMENTOS DE INDISCIPLINA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA”

Francisco Barros
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Resumo

Este estudo decorreu na Escola Secundária Joaquim Araújo, numa turma do 3º ciclo, tendo uma amostra de 21 alunos sendo que desses apenas 5 alunos, denominados *Alunos Problemáticos*, foram alvo de estudo relativamente às suas reações, atitudes e comportamentos. O principal objetivo do foi perceber o porquê desses alunos demonstrarem comportamentos de indisciplina, e perceber em que tipo de situações esses alunos adotam um comportamento disciplinado e apropriado para o espaço de aula. O estudo decorreu essencialmente durante três aulas de ginástica no ginásio, onde os Alunos Problemáticos foram colocados perante situações diferentes e através das quais se observaram as suas reações, atitudes para no final da aula regista acontecimentos relevantes para o estudo para posteriormente os analisar, assim os dados foram analisados através de notas de campo. Os resultados revelaram que os Alunos Problemáticos comportam-se melhor quando têm responsabilidades acrescidas na aula. Pelo contrário, revelam comportamentos de indisciplina com maior frequência quando colocados num grupo com alunos de características semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA; INDISCIPLINA; ALUNOS PROBLEMÁTICOS; DISCIPLINA; GESTÃO;

Introdução

Atualmente a Educação tem-se deparado com o problema da indisciplina que é reflexo da sociedade em que vivemos, essa indisciplina que tem abarcado a nossa sociedade tem levado à alteração de hábitos nos alunos dentro da escola o que tem conduzido a atos de indisciplina num número significativo de alunos. Essas mudanças refletem-se também no seio familiar, onde os pais cada vez têm menos tempo para os filhos, o que delega quase

exclusivamente para a escolar a função de educar, mas a escola não consegue sozinha, ela colabora, porém necessita do apoio de todos os envolvidos na vida do educando.

A falta de acompanhamento dos pais muitas vezes conduz a comportamentos que sendo errados não são repudiados, anulados e que depois se irão refletir em comportamentos de indisciplina da escola. Assim a indisciplina pode ser descrita como revolta contra as normas ou falta de conhecimento destas por parte dos alunos. Muitas vezes a disciplina é entendida como um modo de submissão, doutrinação, seleção natural e domesticação. O que não é. A disciplina é o respeito aos limites impostos ao próximo.

“A indisciplina aparece, pois, como um ato de rebelião contra a regra de vida coletiva e contra o grupo” (Estrela 2002, p.23). Segundo a mesma autora o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra das regras.

Sem dúvida que a disciplina assume um importante papel na organização escolar tendo em vista as suas finalidades educativas. A disciplina é necessária não só no âmbito escolar mas, também, na vida dos educandos. A disciplina é importante para que o processo ensino aprendizagem aconteça.

Muitas vezes a subversão de valores ocasiona nas escolas situações que levam à indisciplina, por isso é de fundamental relevância que a escola ajude os alunos a desenvolverem os seus valores e, assim, agirem de acordo com eles. É importante trazer para dentro dos contextos escolares situações reais e resolução de dilemas para que o aluno adquira, de forma progressiva, tomada de consciência de suas próprias escolhas, dessa forma, a autonomia conduzirá à autodisciplina (Estrela, 2002).

Em relação às causas da indisciplina não se podem dizer que exista um só culpado, ela é resultado de vários fatores da vida do aluno, a sociedade em que está inserido, os problemas familiares, carências, influências da televisão, o que ressalta a importância de uma atuação organizada e articulada por parte das escolas com todos os fatores que envolvem o aluno. Assim a causa para a

falta de disciplina do aluno pode ser tanto interna como externa, como a educação recebida pela família, falta de afeto, e até mesmo a falta de limites, sendo que o aluno, ao chegar na escola, já apresenta uma formação pessoal, recebida do lado externo, porém isso não quer dizer que este aluno não tenha como mudar, pois a escola tem grande possibilidade para modificar o indivíduo apresentando-lhe uma nova forma de ver o mundo e a possibilidade de se tornar uma nova pessoa, o que caracteriza a formação de cidadania (Guimarães, 1996).

Segundo Tousignant (1982) os comportamentos dos alunos podem ser agrupados em duas grandes categorias: comportamentos relacionados com a tarefa e comportamentos fora da tarefa.

Dentro a primeira categoria o aluno pode assumir um comportamento exemplar, onde segue à risca todas as indicações do professor, ou assume um comportamento ainda relacionado com a tarefa mas não tão exemplar, onde decide improvisar na realização das atividades.

Relativamente à segunda categoria de comportamentos fora da tarefa, há um grupo de alunos que dá pouco nas vistas, que passa despercebido aos olhos do professor pouco atento e há outro grupo de alunos que, por vezes, manifesta um total e agressivo desinteresse pelas atividades da aula. É com este último tipo de alunos que é mais frequente surgirem problemas graves de disciplina que podem perturbar seriamente a atividade e a aprendizagem de toda a turma.

O professor deve procurar uma disciplina que privilegie a participação, respeito, responsabilidade, construção de conhecimento e formação do caráter e da cidadania, uma disciplina que aponte os limites mas também as possibilidades, através de uma visão dialética libertadora que compreende que a disciplina é construída para interação do aluno com os outros.

Uma das dificuldades para os professores em relação ao problema da indisciplina é que eles não possuem uma conceção, um método, uma ferramenta eficiente para combater os atos de indisciplina que são vários, o que mostra a necessidade de diversificação e estratégias por parte dos

educadores. Vasconcelos (1995, p.17), diz que o “desafio é construir uma teoria que efetivamente possa ajudar a enfrentar o problema”.

Segundo Quina (2009) existem alguns procedimentos corretivos que podem contribuir para diminuir o número e a gravidade dos referidos comportamentos. Existem as medidas preventivas, o criar/desenvolver um clima positivo, o substituir as punições por meios construtivos/positivos e as medidas corretivas. Como medidas preventivas podemos optar por maximizar o tempo de atividade dos alunos através da escolha dos exercícios: escolher, para realização nas aulas, exercícios motivantes/significativos, na instrução: ser assertivo, breve, objetivo e claro em todos os episódios/períodos de instrução, na organização, definir e automatizar rotinas e regras de funcionamento das aulas, ser eficaz na colocação, distribuição e arrumação do material, trabalhar em pequenos grupos e mantê-los de exercício para exercício e de aula para aula, entre outras estratégias. Para criar/desenvolver um clima positivo o professor deve ser constante nas interações com os alunos, adequar as interações aos comportamentos (evitar os exageros), exteriorizar satisfação quando ocorrem comportamentos positivos, elogiar e encorajar o esforço dos alunos, entre outras. O professor pode também substituir as punições por meios construtivos/positivos ao recompensar os alunos por não incorrerem em comportamentos inapropriados, ao elogiar o bom comportamento e celebrando contratos de bom comportamento. Existem também as medidas corretivas que se utilizam para parar os comportamentos inapropriados de forma rápida e discreta através de chamadas de atenção verbais, aproximar-se do aluno/grupo implicado e/ou estabelecer com ele o contacto visual, questionar o aluno/grupo implicado sobre a atividade de aprendizagem.

É neste contexto que surge o problema da investigação: os alunos indisciplinados na aula de educação física, como os controlar? Quais as melhores estratégias para os afastar dos atos de indisciplina? Como os organizar? Com este estudo procurei responder a estas perguntas. Assim o principal objetivo deste estudo é perceber como lidar com os *alunos*

problemáticos na aula de educação física e as melhores formas de os organizar durante a aula.

Metodologia

Este foi um estudo de investigação-ação, embora se trate apenas de uma aproximação a esta metodologia, uma vez que apenas foi constituído por um ciclo. De uma forma simplificada a investigação-ação é uma metodologia de investigação orientada para a melhoria da prática nos diversos campos de ação. Por conseguinte, o duplo objetivo básico e essencial é, por um lado obter melhores resultados naquilo que se faz e, por outro, facilitar o aperfeiçoamento das pessoas e dos grupos com que se trabalha, neste caso da minha turma.

“A investigação-ação constitui uma forma de questionamento reflexivo e coletivo de situações sociais, realizado pelos participantes, com vista a melhorar a racionalidade e a justiça das suas próprias práticas sociais ou educacionais bem como a compreensão dessas práticas e as situações nas quais aquelas práticas são desenvolvidas” (Kemmis and McTaggart, 1988, p.5).

Participantes:

O presente estudo teve uma turma do 7º ano como participante, da Escola Secundária Joaquim Araújo, composta por 21 alunos, sendo que desses alunos apenas 5 foram alvo de acompanhamento sistemático relativamente às suas reações, atitudes e comportamentos. Assim foram identificados os «alunos problemáticos».

A recolha da informação foi realizada através de notas de campo que fui retirando ao longo das aulas e em conversas com os alunos. As notas de campo são uma forma de registar acontecimentos ocorridos durante a aula para posterior análise. Neste estudo essas notas de campo foram retiradas após observação da aula *in loco*. As notas de campo foram registada logo a seguir ao momento da aula, de forma a garantir a precisão das mesmas, e posteriormente transcritas para o diário de bordo onde refletia de forma mais profunda sobre os acontecimentos.

A minha ação inseriu-se em dois tipos de estratégias, a primeira estratégia de intervenção pré-aula, onde procurei através do diálogo com os «alunos problemáticos», perceber o porquê dos seus comportamentos de indisciplina, e de os demover desses comportamentos.

A segunda estratégia utilizada foi a intervenção na aula, que decorreu durante três aulas de ginástica, onde os «alunos problemáticos» foram colocados perante situações diferentes e através das quais se observaram as suas reações, atitudes e comportamentos para no final de aula registar acontecimentos relevantes para o estudo.

Na primeira situação a aula de Ginástica organizada por estações, cada grupo tinha um “aluno responsável”. Sendo os «alunos problemáticos» esse “aluno responsável”, este aluno era responsável pelo seu grupo e tinha um papel com descrição de cada estação, o que devia fazer, possíveis erros na execução e como corrigi-los esse papel devia andar sempre com o aluno.

Na segunda situação a aula voltou a ser organizada por estações, e onde também existia o “aluno responsável” com as mesmas funções da primeira situação, mas que não era nenhum dos alunos problemáticos. De referir que da primeira situação para a segunda situação os grupos mantiveram-se, alterando apenas o “aluno responsável”.

Na terceira situação novamente uma aula de ginástica e organizada por estações, existindo ainda o “aluno responsável”, os «alunos problemáticos» foram colocados todos no mesmo grupo, sendo o “aluno responsável” o aluno mais problemático.

Os dados foram analisados através da análise de conteúdo das notas de campo.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Este estudo veio evidenciar que a melhor forma de controlar os alunos indisciplinados é atribuindo-lhes responsabilidade acrescida durante as aulas. Dessa forma os alunos afastam-se desse tipo de comportamentos. Sendo que uma das melhores formas de os organizar é colocando-os em grupos distintos, em vez de os colocar todos no mesmo grupo.

Relativamente à estratégia de intervenção pré-aula, ressalta a ideia de que nenhum destes alunos tem uma resposta concreta para o seu comportamento desapropriado, mas todos referiram que muitas vezes o faziam porque outro colega os levava a isso, ou seja, um comportava-se de forma errada e todos os outros iam atrás. Algumas das respostas fizeram transparecer a ideia de que para esses alunos a Educação Física é uma aula onde têm mais liberdade o que faz que surjam alguns comportamentos de indisciplina. Relativamente ao diálogo com os alunos na tentativa de modificar o seu comportamento, quando esse diálogo acontecia no início da aula o aluno comportava-se corretamente durante a aula, mas o seu comportamento na aula seguinte voltava a ser desapropriado. Quando o diálogo acontecia no fim da aula o aluno dizia que ia mudar o seu comportamento, que ia começar a ter um comportamento adequado, mas quando chegava a próxima já se tinha esquecido e seu comportamento mantinha-se. Pelo que esta estratégia não obteve os resultados desejados.

Este tipo de estratégia de intervenção utilizada vai de encontro ao estudo de Henkel (1991) que propõe a integração da dimensão antecipatória, onde o comportamento que o professor desenvolve antes do aparecimento do comportamento de indisciplina do aluno, ou seja, numa perspetiva de prevenção.

Passando para a estratégia de intervenção na aula, na primeira situação:

Os «alunos problemáticos» da turma revelaram um comportamento exemplar, não se verificando nenhum comportamento de indisciplina por parte desses alunos, tendo mesmo um dos alunos reprimido um comportamento fora

da tarefa por parte de outro aluno. Esses alunos estiveram sempre envolvidos nas tarefas da aula e com a preocupação de manter o grupo pelo qual eram responsáveis organizado e empenhado. Nesta situação os Alunos Problemáticos estiveram bastante envolvidos na aula quer na realização dos exercícios quer a supervisionar o grupo pelo qual eram responsáveis.

“A estratégia de distribuir os alunos problemáticos pelos vários grupos e colocá-los como alunos responsáveis resultou muito bem, pois nenhum deles teve comportamentos desviantes e que perturbassem a aula, pelo contrário procuram manter os colegas bem comportados, tendo um dos alunos responsáveis chamado a atenção de outro que estava a ter um comportamento desadequado, e cumpriram muito bem a tarefa de corrigir e ajudar os colegas na realização dos exercícios.”

7 de fevereiro 2013

Na segunda situação, em que os «alunos problemáticos» não eram o “aluno responsável” do seu grupo:

Percebemos que quando os «alunos problemáticos» não têm responsabilidades acrescidas na aula revelam comportamentos desviantes, principalmente perturbando outros grupos, ou seja, os «alunos problemáticos» saíam do seu grupo para ir perturbar outro grupo e por norma faziam-no junto do aluno mais vulnerável desse grupo. Esses comportamentos por vezes perturbaram o bom funcionamento da aula, que obrigou a intervenção do professor. Nesta situação os «alunos problemáticos» estiveram muito menos envolvidos na aula e na realização dos exercícios comparativamente com a primeira situação.

“Sem responsabilidades acrescidas na aula, os alunos tiveram um comportamento desapropriado para uma aula, estavam constantemente em comportamentos inapropriados, com comportamentos de indisciplina, tendo por vezes saído do seu grupo para perturbar os elementos de outros grupos”

14 de fevereiro de 2013

Na terceira situação em que os «alunos problemáticos» se encontravam todos no mesmo grupo:

Os alunos revelaram constantemente comportamentos inapropriados para o espaço de aula, estavam a maior parte do tempo fora da tarefa, revelando vários comportamentos de indisciplina dentro do grupo. Perturbaram-se essencialmente uns aos outros, ou seja, os comportamentos de indisciplina eram apenas dentro do próprio grupo, sem nunca dispersar para os outros grupos. Assim e embora perturbassem o funcionamento da aula isso não influenciou o comportamento dos alunos dos outros grupos. De referir que o «aluno problemático» que ficou como “aluno responsável” não se deixou influenciar pelos outros e teve um comportamento dentro do esperado, procurando sempre realizar os exercícios, tendo inclusive em algumas situações chamado atenção dos outros «alunos problemáticos» que faziam parte do seu grupo.

“Estando todos no mesmo grupo o seu comportamento foi diferente, já estiveram mais agitados criando na aula mais agitação, estando constantemente em comportamentos inapropriados, contudo perturbaram-se essencialmente uns aos outros, tirando uma ou outra situação em que saiam dos grupos e iam “meter-se” com elementos de outros grupos. O aluno responsável do grupo foi o que revelou um comportamento mais adequado”

21 de fevereiro de 2013

Estes resultados vão de encontro á classificação das técnicas de controlo dos professores segundo Henkel (1991), onde a ideologia democrática ou humanista permite que a disciplina seja um meio de facilitar o autocontrolo.

Conclusões

O presente estudo revelou essencialmente que os «alunos problemáticos» revelam mais facilmente comportamentos de indisciplina quando estão no mesmo grupo de outros alunos com as mesmas características, isto revela que muitas vezes o comportamento desses alunos é influenciado pelos seus pares.

Assim nas aulas o professor deve procurar formar os grupos de forma que esses alunos fiquem dispersos pelos vários grupos com o objetivo de prevenir os comportamentos de indisciplina por parte desses alunos.

Outra conclusão importante do estudo diz respeito à atribuição de responsabilidades a esse tipo de alunos, os «alunos problemáticos» quando se sentem importantes no seio do grupo, quando o professor lhes atribui responsabilidades, como foi o caso do “aluno responsável” por norma revelam comportamentos apropriados e demonstram ser alunos responsáveis e empenhados nas suas tarefas.

Esta estratégia revelou-se extramente eficaz para afastar os alunos dos atos de indisciplina. O facto de esses alunos estarem preocupados em exercer corretamente as suas funções de “Aluno Responsável” leva a que não surjam comportamentos de indisciplina.

Assim o professor deve procurar nas suas aulas que esse tipo de alunos tenham responsabilidades acrescidas comparativamente com os outros, de forma que estejam envolvidos de tal maneira na aula que não se lembrem de ter comportamentos de indisciplina.

Referências

- Carita, A. & Fernandes, G. (1997). Indisciplina na sala de aula. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, M. T. (1994) Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. Portugal: Porto.
- Guimarães, A. (1999) Autoridade e tradição: as imagens do velho e do novo nas relações educativas. Autoridade e autonomia na escola. São Paulo: Summus.
- Henkel, S.A. (1991). Teachers' Conceptualization of Pupil Control in Elementary School Physical Education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*. Vol. 62. (1). 52-60.
- Quina, J. (2009). A organização do processo de ensino em Educação Física. Edição do Instituto Politécnico de Bragança.
- Vasconcellos, C. S. (1995) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad.

4.1.3.4. AS MODALIDADES

Nas minhas aulas abordei os Jogos Desportivos Coletivos (Basquetebol e Futsal), o Atletismo, a Ginástica, a Patinagem e a Orientação.

Na abordagem dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC) procurei criar situações de aprendizagem, jogos reduzidos e formas de jogo modificadas e condicionadas, que permitissem aos alunos adquirir as competências necessárias para resolver os problemas do jogo. Esta abordagem baseia-se numa aprendizagem progressiva dos conteúdos em contexto de jogo. Desta forma o aluno terá uma melhor compreensão do jogo e conseguirá aplicar de forma correta os conteúdos adequando-os a cada situação de jogo, procurei uma aprendizagem da técnica integrada e contextualizada na tática.

Esta minha opção por uma abordagem centrada no jogo em detrimento de uma abordagem analítica deve-se sobretudo à formação que tive ao longo do meu percurso na faculdade, e em especial há minha especialização em Futebol e ao que tem sido a experiência no treino.

Assim uma das minhas preocupações na abordagem dos JDC foi criar exercícios que evidenciem os princípios que pretendo ver em jogo, pois tenho a convicção de que os exercícios analíticos, descontextualizados daquilo que é jogo não trará melhorias significativas naquilo que é a compreensão do jogo por parte dos alunos.

Para uma correta operacionalização desta forma de pensar o ensino dos JDC é extramente importante a criação de exercícios que vão de encontro ao que pretendemos exercitar.

A criação dos exercícios deverá ter como ponto inicial o objetivo, este foi um dos pontos que no início me criou dificuldades, pois estava habituado a criar os exercícios e só depois definir o objetivo para o exercício, o que está completamente errado, percebi isso no início do estágio e após refletir bastante sobre o assunto comecei a perceber que o exercício deve ser construído em função daquilo que queremos trabalhar e não o contrário.

Para que esta forma de ensino resulte é muito importante a forma como o professor intervém, os feedbacks que emite, se estão de acordo com o objetivo de exercício. É também importante que ao longo do processo os

alunos percebam o que se pretende trabalhar em cada exercício e sejam capazes de fazer a transferência para o jogo. Para que ocorra a aprendizagem é necessário que os alunos percebam onde se quer chegar e o que se pretende atingir.

Foi neste aspeto que senti algumas dificuldades na fase inicial, pois os alunos estavam habituados a abordagem mais analítica o que não os “obrigava” a pensar o jogo e com esta abordagem centrada no jogo eles tinham de pensar o jogo e no início não foi tarefa fácil inculcá-los isso, mas como decorrer do tempo eles foram-se habituando e começaram a pensar o jogo.

Relativamente à abordagem das modalidades como o Atletismo, a Ginástica, a Patinagem e a Orientação, baseou-se numa abordagem do topo para base em que procurei criar um misto de situações analíticas com situações globais. Assim numa fase inicial e como forma de introduzir os conteúdos optei por situações mais analíticas onde existia uma prática mais segura e onde pretendia o domínio de um determinado aspeto técnico para depois evoluir para algo mais complexo, para que no final de cada unidade didática os alunos fossem capazes de exercitar e integrar os conteúdos em habilidades globais.

Na modalidade de Ginástica, as aulas estavam organizadas por estações, onde a turma era dividida em 4 ou 5 grupos. Cada grupo ocupava uma estação, onde executava durante um dado tempo, um determinado exercício. Passado o tempo, todos os grupos mudavam de estação. Cada estação correspondia a um exercício diferente. Com este tipo de organização consegui manter os alunos sempre em atividade, evitando elevados tempos de espera, também consegui economizar o tempo de organização dos exercícios, pois uma vez montadas as estações não era necessário mexer mais nelas. Neste tipo de organização a minha colocação era de forma a ter uma visão global de toda a turma. Colocava-me sempre na estação onde se realizava o exercício mais difícil, mais perigoso, ou onde era necessário ajuda. Mas mesmo neste caso, colocava-me sempre de forma a conseguir ver toda a turma.

A modalidade de Orientação foi lecionada utilizando uma organização onde individualmente os alunos realizavam o mesmo exercício, estando dispersos pela escola. Durante as aulas procurei desenvolver nos alunos o sentido de responsabilidade e o trabalho autónomo, dando-lhes liberdade para circularem pela escola a realizar os diferentes percursos. Embora os alunos tivessem todos a realizar o mesmo exercício, existiam vários percursos de forma que os alunos não se cruzassem nos pontos de controlo e também para evitar que se “*colassem*” uns aos outros na realização dos percursos.

A modalidade de Patinagem contou com três tipos de organização ao longo da unidade didática. Numa fase inicial prevaleceu a organização por vagas, onde os alunos estavam dispostos em linhas e realizavam os exercícios uns a seguir aos outros. Optei por esta organização nas primeiras aulas de forma a conseguir proporcionar aos alunos uma exercitação intensa e ao mesmo tempo um controlo mais próximo numa fase importante da aprendizagem. Esta organização também me permitiu prevenir a segurança dos alunos na fase inicial da aprendizagem desta modalidade em que podem acontecer alguns “*acidentes*” indesejados.

Seguiu-se uma organização por estações, onde os pressupostos e os objetivos eram os mesmos da organização das aulas ginástica, onde a redução do tempo de organização dos exercícios e máximo tempo de exercitação foram conseguidos. Na fase final da unidade didática as aulas foram organizadas em forma de percurso, onde existia um conjunto de exercícios que os alunos realizavam em forma de sequência. Com esta organização consegui realizar vários exercícios de forma sequenciada e em pouco tempo. Este tipo de organização é excelente quando se pretende fazer uma consolidação/automatização das habilidades já em fase adiantada de aprendizagem (Quina 2009, p.43).

No Atletismo, as vertentes abordadas foram da corrida de estafetas e salto em altura. Esta escolha deveu-se ao que falei anteriormente sobre o aluno, em que o professor deve ir ao encontro do aluno e das suas necessidades. Assim com a escolha do salto em altura os alunos desenvolveram o trabalho autónomo, pois só assim conseguiriam melhores

resultados. A corrida de estafetas privilegia o trabalho em equipa e o espírito de grupo, algo que desde o início me propus a desenvolver nos meus alunos.

Nas aulas de estafetas a turma trabalhava organizada em estafetas, onde os alunos eram divididos em equipas, realizando, individualmente e uns a seguir aos outros, o mesmo exercício. Embora neste tipo de organização se privilegie a vitória, onde muitas vezes preocupados com a vitória os alunos não cumprem os pressupostos técnicos pretendidos para o exercício. Para combater isso, apenas utilizei o fator vitória na parte inicial da aula, ou seja, no aquecimento, onde pretendia trazer para a aula alegria, entusiasmo de forma a motivar o aluno.

Durante as aulas de salto em altura optei por uma organização massiva, onde a turma funcionava em pequenos grupos, onde todos realizavam o mesmo exercício mas em espaços diferentes de forma que tivessem mais espaço para exercitar.

4.1.3.5. A AVALIAÇÃO

Uma das principais tarefas do professor é avaliar os seus alunos. Na educação avaliar consiste em recolher e interpretar informações em função de determinados critérios para tomar decisões com impacto na organização e condução do processo ensino-aprendizagem (Sánchez, 1992).

Para avaliar é necessário ter algo com que comparar. É impossível avaliar o que quer que seja em abstrato. Em EF, a avaliação pode ser realizada em relação à norma ou em relação ao critério. Na avaliação referenciada à norma os resultados do aluno são comparados com os resultados médios de uma população ou de um grupo de indivíduos conseguidos na mesma prova. Na avaliação por critério, os alunos são avaliados em relação a um critério fixado previamente (Quina 2009, p.119).

No meu processo de ensino-aprendizagem os meus alunos foram sempre avaliados em relação ao critério. Estando esses critérios previamente definidos no módulo 6 de cada UD.

No meu processo de ensino-aprendizagem os alunos foram avaliados em três domínios, o psicomotor, o sócio afetivo e cognitivo, cada um com diferentes pesos na atribuição da nota final, sendo o domínio psicomotor o mais valorizado (60%), seguindo do domínio sócio afetivo (30%) e por fim o domínio cognitivo (10%).

O domínio psicomotor foi avaliado no final de cada unidade didática através das habilidades motoras desenvolvidas pelos alunos ao longo das aulas. O domínio sócio afetivo foi avaliado de forma contínua ao longo das aulas, sendo que em cada uma retirei informação sobre cada aluno relativamente à sua assiduidade/pontualidade, ao seu comportamento e participação, critérios definidos pelo grupo de Educação Física. Relativamente ao domínio cognitivo no final de cada período era realizado um teste teórico com perguntas de V/F e escolha múltipla referentes aos conteúdos abordados nas aulas e á cultura desportiva que era transmitida em cada aula.

Para avaliar o professor tem de ser capaz de acompanhar e regular a aprendizagem do aluno. Para um acompanhamento regular e uma correta avaliação da progressão do aluno, recorreremos a diferentes modalidades da avaliação continua: a avaliação diagnóstica (AD), a avaliação formativa (AF) e sumativa (AS).

A AD das várias modalidades foi efetuada com recurso a uma escala de apreciação, onde cada comportamento era avaliado segundo os critérios definidos previamente. Se numa fase inicial essa escala era composta por cinco níveis onde, 1- não executa; 2- executa incorretamente; 3- executa satisfatoriamente; 4- executa bem; 5- executa muito bem, rapidamente percebi que para avaliação inicial não me interessava ter tantos níveis para distinguir os alunos, percebi que devia adotar uma escala mas prática, que se centrasse apenas no essencial.

Após refletir sobre formas de tornar essa avaliação mais prática e de forma útil sem perder informação importante, decidi adotar uma escala apenas com três níveis onde, 1-não realiza; 2-realiza razoavelmente; 3-realiza bem, esta alteração veio facilitar muito a classificação dos alunos, assim como a

planificação das aulas, pois permitia-me ter uma visão mais clara do que os alunos sabiam ou não fazer.

A AF foi realizada de forma contínua e sistemática, procurando em cada aula observar e reter a evolução da turma relativamente aos objetivos propostos. Este tipo de avaliação também foi fundamental para analisar a eficácia da minha intervenção e ajustar as estratégias à evolução dos alunos.

Apenas na modalidade de Basquetebol a AF foi efetuada de forma mais formal, pois era preciso atribuir classificação aos alunos quando a UD ainda não estava terminada. Para isso utilizei a mesma escala de apreciação da AD e que posteriormente foi utilizada para a AS.

Relativamente à AS foi realizada tendo como base a mesma escala de apreciação, onde os conteúdos eram exatamente os mesmos da avaliação diagnóstica, mas agora avaliados numa escala mais alargada onde, 1- não executa; 2- executa incorretamente; 3- executa satisfatoriamente; 4- executa bem; 5- executa muito bem. Sendo já o momento de avaliação final, aqui sim interessava-me distinguir de forma mais clara os alunos uns dos outros, daí a existência de vários níveis.

A AS tal como AD foi realizada em situação de jogo nos JDC. NO caso do Basquetebol jogo 3x3, no Futebol 5x5. Na modalidade de atletismo também utilizei a competição no momento de avaliação.

No salto em altura era uma competição individual para ver quem atingia uma altura mais elevada, sendo avaliados os aspetos técnicos e não a altura a que estava a fasia, caso assim fosse os alunos mais altos estariam em vantagem. A competição servia essencialmente de fator de motivação para os alunos. Nas estafetas formei quatro equipas que competiram entre si durante quatro corridas de estafetas, sendo que em cada corrida era avaliada apenas uma equipa.

Nas modalidades de ginástica e patinagem na AD cada um aluno demonstrou de forma isolada as habilidades motoras que sabia fazer. Na AS, em ginástica, os alunos tiveram de construir uma sequência, onde cada elemento gímico abordado tinha uma percentagem na nota final de acordo com o grau de dificuldade.

Na modalidade de Patinagem a AS consistiu na realização de um percurso onde constavam todas as perícias abordadas. Optei por realizar um percurso após refletir juntamente com os meus colegas de estágio e percebermos que desta forma os alunos poderiam demonstrar as suas habilidades de uma forma global, evitando a realização de exercícios analíticos e descontextualizados do que foi a lógica seguida durante as aulas.

A modalidade de Orientação não foi alvo da AD porque os alunos nunca tinham tido contato com a modalidade, o que na minha opinião não justificava uma avaliação inicial. A AS consistiu na realização de um percurso pela escola, onde era avaliado o tempo e a precisão dos pontos, sendo que cada ponto errado penalizava os alunos.

A componente da avaliação foi um dos pontos onde se notou maior evolução da minha parte ao nível da atuação. Se inicialmente tinha bastantes dificuldades em observar e registar ao mesmo tempo, sem nunca perder o controlo da turma. Com a prática, e o refletir do que acontecia nesses momentos, fui testando algumas estratégias, e hoje sinto-me muito mais capaz nesse momento da minha atuação.

“No que diz respeito a AD, senti muitas dificuldades em retirar apontamentos sobre a atuação dos alunos, primeiro porque ainda não decorei os nomes todos, depois porque era extremamente complicado estar a observar todos, ou neste caso quatro elementos ao mesmo tempo, bem como observar e apontar ao mesmo tempo, não foi de todo uma tarefa fácil, senti necessidade que os alunos realizassem mais que uma vez a corrida.”

Diário de Bordo 27 de setembro

“Comparativamente com a AD a AS correu muito melhor quer do ponto de vista da organização, quer na recolha de informação para atribuir as notas. Penso que essa melhoria se deveu sobretudo à forma como foi organizada a competição, e o espaço de aula. O espaço de aula utilizado foi a pista de atletismo à volta do campo exterior, neste espaço é-me possível observar todos os alunos e assim ter maior controlo da turma. Na competição criei equipas de quatro equipas, identificadas com coletes, efetuei quatro competições, número igual ao de equipas, o que me permitiu em cada competição avaliar apenas uma equipa, quatro elementos, o que permitiu também uma observação mais cuidadosa de forma que Avaliação fosse o mais rigorosa possível.”

Diário de Bordo 27 de novembro

Um dos aspetos que mais contribuiu para o melhorar da minha atuação no momento de avaliação, quer a AD quer a AS, foi a alteração da escala de apreciação, passando de cinco para três níveis, o que facilitou muito o registo no momento da avaliação inicial. O outro aspeto que muito contribuiu para ter melhorado a minha capacidade de avaliar foi a forma como organizava a turma, numa fase inicial queria avaliar todos os alunos ao mesmo tempo, o que é extremamente complicado, depois passei a organizar esses momentos por grupos, em que um grupo estava a ser avaliado e os outros apenas estavam em exercício, este também foi um aspeto significativo para a minha evolução. Depois a prática acumulada de momentos de avaliação fizeram o resto, nomeadamente no que diz respeito à capacidade de observar o que realmente queria observar.

4.1.4. SER PROFESSOR – MUITO MAIS QUE LECIONAR UMA AULA

Ser professor é muito mais que lecionar aulas. Ser professor implica ser capaz de se relacionar com toda a comunidade educativa, para dessa forma adquirir conhecimentos que lhe permitam estar mais preparado para formar os seus alunos.

Segundo Cunha (2008), o professor não é apenas um especialista nas matérias que ensina, mas também um técnico altamente qualificado em diferentes áreas, nomeadamente no domínio dos estilos de ensino, no

conhecimento do desenvolvimento psicossociológico, condicionando as aprendizagens, no conhecimento das relações sociais que estabelece entre o aluno e a escola e entre esta e os diferentes agentes sociais que a integram a comunidade e no domínio das técnicas e processos de gestão de conflitos.

Atualmente o professor assume um papel extremamente importante na formação dos alunos, uma vez que segundo Cunha é ele que tem a capacidade de moldar o educando quando os seus pais não têm com os seus filhos o tempo necessário para os formar.

Na minha opinião esta dupla função, de transmitir conhecimentos e ao mesmo tempo de educar e moldar segundo valores e princípios que permitam ao aluno se relacionar com os outros, de que muitas vezes o professor é responsabilizado é uma tarefa que para além de desafiante implica que o professor se envolva bastante fora do contexto de aula com os seus alunos. Pois é nesses momentos que os alunos estão mais predisposto ao diálogo e à partilha de experiência pessoais que condicionam a sua forma de ser e estar perante o mundo.

Para Cunha (2008) o bom professor de EF é aquele que para além de criar nas suas aulas um bom ambiente, uma boa relação com os alunos baseada em sentimentos de tolerância, amizade, disciplina e comunicação, tornando cada aluno especial ao invés de mais um entre outros, também possui os conhecimentos específicos da matéria, os métodos adequados para os transmitir e a exigência necessária e adequada para o correto desenvolvimento dos seus alunos.

Ao longo do meu EP as atividades extracurriculares em que estive envolvido foram extremamente importantes para que tomasse consciência do que é ser verdadeiramente professor. Foi nessas atividades que a minha relação com alunos no geral e com os meus em particular foi ganhando maior significado no meu crescimento enquanto professor.

Foi através delas que tive consciência do significado, valor que os alunos atribuem ao professor. Foi nesses momentos que me senti verdadeiramente valorizado e acarinhado pelos meus alunos. Senti pelas experiências que fui tendo, que eles confiavam em mim e viam-me como

alguém próximo que os podia ajudar no seu desenvolvimento não só como alunos, mas como seres humanos.

Essa percepção do que é ser verdadeiramente professor, que fui adquirindo ao longo de estágio através das atividades extracurriculares permitiu muitas vezes alterar comportamentos nos meus alunos. Muitas vezes era nesses momentos que tinha determinadas conversas com os meus alunos com o objetivo de perceber e modificar determinados comportamentos.

Através da relação fora da sala de aula que fui desenvolvendo com os meus alunos percebi que ser professor é muito mais do que lecionar aulas, é estar presente na vida do aluno, ajudá-lo nas suas escolhas diárias, de forma que no futuro o aluno seja uma pessoa melhor e que consiga alcançar sucesso na sua vida.

Para mim, ser professor é relacionar-se com toda a comunidade escolar, em especial com os alunos, desenvolvendo com eles uma relação de afetividade e um sentido de pertença a um todo (escola) que permita ao professor ser capaz de conduzir os alunos pelos melhores caminhos da vida.

4.2. ÁREA 2 E 3 – “PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÕES COM A COMUNIDADE”

O ser professor vai muito para além da sala de aula e é muitas vezes no espaço extra aula que o professor deve procurar a sua valorização, e nesse aspeto o professor de Educação Física deve investir bastante, procurando através de atividades fora do ambiente de sala de aula deixar a sua “marca” não só nos alunos mas também na escola.

Assim neste ponto relatarei o que foram as minhas experiências ao longo do ano nas atividades não letivas em que participei, e que me permitiram aprender um pouco de tudo, assumindo papéis e funções diversas nas atividades em que estive envolvido. Também foram estas atividades que permitiram reforçar o meu papel de professor de Educação Física na escola, facilitando também a minha integração na comunidade escolar.

Ao longo do ano letivo participei nas reuniões do Departamento de Expressão e do Grupo de Educação Física. Foram momentos de aprendizagem, pois permitiram-me ouvir a opinião de professores mais experientes e refletir sobre assuntos importantes do dia-a-dia de um professor. As reuniões de início do ano foram fundamentais para a minha integração no grupo, quer do ponto de vista social quer do ponto de vista profissional.

4.2.1. DESPORTO ESCOLAR

Ao longo de ano letivo estive envolvido no Desporto Escolar na modalidade de Orientação, uma modalidade que apenas tinha vivenciado na faculdade e durante pouco tempo. Aprendi (muito) ao longo de todo ano, não só do ponto de vista da organização de provas e condução de treinos, mas também no que diz respeito a aspetos teóricos fundamentais da modalidade.

Os treinos realizavam-se todas as quartas-feiras da parte da tarde, desde as 15.15h até as 17.30h, horário em que também funcionavam outras modalidades do Desporto Escolar que a escola oferecia.

A escola oferece aos alunos as seguintes modalidades para a prática de Desporto Escolar: Patinagem, Orientação, *Goalball* e Futsal masculino. De todas as modalidades a que tem mais adesão por parte dos alunos é a Patinagem. Os alunos mais participativos são os do 3º ciclo, também devido aos regulamentos que normalmente só permitem a participação de alunos com idades mais baixas e que por norma são os que frequentam esse ciclo de ensino.

Na minha opinião um dos aspetos fundamentais para adesão dos alunos ao Desporto Escolar é a grande divulgação que deve existir por parte dos professores, não só nas suas aulas mas junto dos alunos, com afixação de cartazes, demonstrações e outras situações. O que não aconteceu, para promover o Desporto Escolar os professores apenas referiram nas suas aulas as modalidades que existiam, depois, os alunos que queriam participar tinham que se deslocar junto do responsável dessa modalidade para se inscreverem. Existia também um cartaz colocado no interior do pavilhão com alguma

informação relativamente às modalidades, dias dos treinos e idades que poderiam participar, o que na minha opinião é manifestamente pouco.

Tendo o Desporto Escolar como principal objetivo promover a prática desportiva junto dos alunos e a sua afiliação ao desporto e a uma modalidade específica seria importante cativar o maior número de alunos possível.

O desporto escolar assume também um papel importante na promoção da escola, pois obtendo bons resultados no Desporto Escolar, a escola seria alvo de alguma promoção junto da comunidade, seria reconhecida pelas pessoas da região como uma escola de sucesso no Desporto, aumentando o número de inscrições na escola.

Relativamente à modalidade em que estive envolvido, a Orientação, os treinos foram realizados seguindo uma lógica de progressão, de forma a dotar os alunos das capacidades necessárias para realizar uma prova de Orientação.

Nos primeiros treinos tentamos passar para os alunos o significado da orientação e qual era o seu objetivo. Assim os alunos inicialmente tinham que saber analisar no mapa os pontos cardiais, Norte, Sul, Este e Oeste, de seguida os alunos tiveram contato com a bussola no sentido de se localizarem seguindo as orientações da mesma.

A fase seguinte, e após os alunos dominarem as situações acima descritas, passou para uma competição entre alunos, em que dois a dois, um dos alunos construía um percurso para o outro realizar, através da colocação de cones pela escola e devidamente sinalizados no mapa, tendo o outro aluno de recolher os cones no menor tempo possível invertendo depois a situação, vencida o aluno que realizasse a prova no menor tempo possível.

O projeto do Desporto Escolar sugere como orientações gerais para o Desporto Escolar na escola, a prática desportiva inserida no quadro normativo vigente no sistema de ensino, deve constituir-se também como um instrumento de grande relevo e utilidade no combate ao insucesso escolar e de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. O Desporto Escolar também deve promover estilos de vida saudáveis que contribuam para a formação equilibrada dos alunos e permitam o desenvolvimento da prática desportiva em Portugal.

Por vezes durante os treinos estava a chover e como os alunos não queriam praticar à chuva, para que os alunos não ficassem sem treinos o professor responsável pelo grupo equipa instalou nos computadores da sala de professores de Educação Física jogos didáticos da modalidade, onde os alunos exercitavam alguns percursos utilizando o mapa. Também existia um jogo em que os alunos tinham de identificar a sinalização específica da modalidade. Desta forma os alunos conseguiam trabalhar os conhecimentos específicos da modalidade.

Relativamente ao quadro competitivo existente para a modalidade de Orientação no Desporto Escolar, penso que deveriam de existir mais provas, pois é isso que motiva os alunos a participarem nas equipas do Desporto Escolar, é o momento onde podem conviver com outros alunos e colocar em prática o que fazem durante os treinos. Contudo considero que existe uma correta organização das diferentes etapas competitivas, ou seja, até chegar à prova nacional, existem provas de apuramento ao nível de cada Direção Regional do Desporto Escolar.

No que diz respeito às outras equipas existentes na escola, a perceção com que fiquei foi que existia uma grande diferença de equipa para equipa de acordo com o professor responsável. Diferenças ao nível da organização da equipa, dos treinos, da organização dos mesmos, da forma como os alunos se envolviam nas provas. Penso que a um dos aspetos fundamentais para que se cumpram os objetivos do Desporto Escolar é a entrega e dedicação que cada professor dedica à sua equipa.

Tendo o Desporto Escolar como principal função pedagógica promover estilos de vida saudáveis e o desenvolvimento da prática desportiva em Portugal, na escola onde tive inserido essa função apenas se verificou em alguns grupos equipa. No caso da Orientação ficou a sensação de dever cumprido, onde os alunos perceberam ao longo dos treinos a importância não só da prática desportiva nas suas vidas, mas também da adoção de um estilo de vida saudável que lhes permite ter uma melhor qualidade de vida.

Sem dúvida que esta minha participação no Desporto Escolar contribuiu muito para a minha evolução enquanto professor, pois permitiu-me ter contato

com uma outra realidade, onde os alunos estão porque querem e isso desde logo cria um clima mais agradável para a aprendizagem, pois os alunos encontram-se auto motivados. Esta experiência também foi extremamente importante para alargar os meus conhecimentos relativos à modalidade de Orientação.

4.2.2. O FUTSAL FEMININO

O Futsal Feminino foi a atividade desenvolvida pelo núcleo de estágio ao longo de todo o ano letivo, sendo uma espécie de Desporto Escolar mas sem competição.

A ideia surgiu de um conjunto de raparigas que vieram junto dos professores estagiários, perguntar se queriam treinar um grupo de raparigas que gostavam de praticar Futsal, e assim surgiu o projeto “Futsal Feminino”.

A primeira fase consistiu em divulgar a equipa, e a existência de treinos todos as semanas, à terça feira, das 14h às 15h. Nesta fase as raparigas que tiveram a ideia foram bastante importantes, pois fizeram uma ótima divulgação junto da população feminina da escola. Também os professores informaram junto das suas turmas a existência desse projeto.

O objetivo deste projeto, mais do que ensinar às raparigas os princípios de jogo do Futsal e colocá-las a praticar um jogo de qualidade, era desenvolver nas raparigas o gosto pela atividade desportiva e a afiliação a uma modalidade, no caso o Futsal.

Ao longo do ano foram aparecendo bastantes raparigas, umas mantiveram-se outras acabaram por não permanecer, por incompatibilidade de horários, mas a base inicial manteve-se até ao dia do evento culminante.

Nos treinos procuramos desenvolver essencialmente a relação com bola das participantes, para além do que era o objetivo principal do projeto, desenvolver nas raparigas o gosto pela atividade desportiva e a afiliação à modalidade. Não fomos muito para além da relação com bola, pois não era nosso objetivo criar uma verdadeira equipa capaz de competir, mas sim que

todas as participantes sentissem o que é fazer parte de um grupo e adquirissem o gosto pela prática desportiva.

Claro que a componente da competição é fundamental, e ao longo deste projeto fomos percebendo, não só pelo que íamos conversando enquanto núcleo, mas também pelos feedbacks das participantes. Contudo não foi possível participar em nenhuma competição, ainda que fosse amigável, por uma questão de tempo e disponibilidade de todas as participantes, mas também por possíveis custos associados à participação em torneios. Essas foram as principais razões para que este projeto não tivesse nenhuma competição, sendo apenas constituído por treinos.

Os treinos eram constituídos por duas partes, a primeira parte consistia em exercícios que desenvolvessem a relação com bola das participantes. A segunda parte do treino era jogo, o momento que as participantes mais gostavam e onde havia mais entusiasmo, chegando mesmo a criar duas equipas entre elas para todas as semanas competirem entre elas. Eram momentos bastante divertidos e entusiasmantes, devido à grande entrega das participantes para conseguir vencer o jogo.

Este projeto teve o seu evento culminante no dia 10 de maio, dia em que também decorreu na escola a Feira da Primavera. O evento consistiu na realização de um jogo no campo exterior para mostrar a toda a comunidade o trabalho que foi desenvolvido ao longo do ano letivo, não tanto do ponto de vista da qualidade do jogo, mas mais no desenvolver e cativar o gosto pela atividade desportiva nas raparigas. De facto foi essencialmente isso que ficou visível neste jogo, o entusiasmo e alegria com que as raparigas jogaram.

No evento culminante estiveram presentes todas as alunas que habitualmente participavam nos treinos, assim como vários alunos, professores e funcionários e alguns encarregados de educação que estiveram a assistir ao jogo. Durante a realização deste evento percebi que as participantes estavam extramente entusiasmadas com o facto de estarem a “mostrar” a toda a escola o que tinham andado a trabalhar nos treinos. O facto de estarem vestidas com o equipamento da escola, que normalmente é para os rapazes, fez com que

tivessem demonstrado ainda maior alegria e motivação para se exporem perante a comunidade.

O jogo em si correu bastante bem, com muito entusiasmo por parte das alunas, com bastantes golos e com toda a comunidade que estava a assistir a envolver-se apoiando e incentivando as alunas.

Durante todo o projeto, nos treinos que decorriam semanalmente, fui sentido verdadeiramente o que é ser professor fora do contexto de aula. Nas conversas com as alunas, nos desabafos que estas tinham comigo em relação aos mais variados temas, onde procurei sempre aconselhá-las da melhor forma.

Ao longo deste projeto tive contato com uma realidade muito diferente da que estava habituado, pois a minha turma é constituída quase na sua totalidade por rapazes. Este contato com um grupo de raparigas permitiu-me perceber que é preciso outro tipo de sensibilidade para trabalhar com elas, pois não se pode dizer o mesmo tipo de FB que se diz aos rapazes. Pois, elas reagem de forma diferente a determinados FB, são mais sensíveis a algumas reações que o professor/treinador possa ter.

Assim a comunicação deve ser distinta, quando estamos perante um grupo constituído apenas por raparigas, como? Tendo especial atenção às reações que temos, a forma como nos expressamos perante o acontecimentos menos positivos, ou perante uma má execução técnica, não podemos ser muito “agressivos” a expressarmo-nos, e devemos privilegiar o reforço positivo em detrimento do reforço negativo.

4.2.3. CORTA-MATO

O Corta-Mato decorreu no dia 8 de novembro, foi a primeira atividade em que estive envolvido com toda a comunidade. No caso não foi só com a comunidade da minha escola, mas também com a escola EB 2,3 de Penafiel Sul, pois a prova realizou-se em conjunto com as duas escolas, isso fez com que a minha participação nesta atividade não fosse tão ativa como eu esperava, quer antes, quer durante a realização.

Antes da prova, apenas tive que inscrever os alunos da minha turma.

No dia da prova estive juntamente com os meus colegas de estágio a terminar as medalhas para entregar no fim do evento. Estive com um dos professores na entrega dos dorsais. Na realização desta tarefa pude perceber a dificuldade que é ter muitos alunos (cerca de 100) todos ao mesmo tempo a pedir o seu dorsal, e alguns que não respeitavam a fila e ordem de chegada. Foi também curioso perceber que alguns dos alunos que se inscreveram não compareceram, e outros que não estavam inscritos resolveram que queriam participar, inscrevendo-se na hora. Claro que também percebi que alguns alunos se inscreveram e participaram para terem dispensa das aulas e não com o objetivo de participar fazendo a melhor prova possível.

Terminada esta tarefa fui para escola EB 2,3 de Penafiel Sul, local onde se realizou o corta-mato. Aqui estive no controlo do percurso por parte dos participantes, ou seja, estive a garantir que nenhum aluno cortava caminho. Uma tarefa na minha opinião pouco motivante e que não deu trabalho nenhum pois todos os alunos cumpriam o percurso na zona em que me encontrava. No final de todas as provas estive juntamente com todos os outros professores do grupo de Educação Física na entrega das medalhas. Este foi o momento alto de toda atividade, pois estavam reunidos na entrada da escola todos os participantes e alguns espetadores da prova para a entrega das medalhas, e foi sem dúvida um momento de grande festa por parte dos alunos.

Um dos pontos menos positivos desta atividade foi o facto de os alunos da nossa escola não terem onde trocar de roupa enquanto aguardavam pelo terminar das provas e entrega das medalhas, pois estando a chover, os alunos ficaram com a roupa molhada no corpo durante demasiado tempo. Penso que este é um dos aspetos a rever em futuras atividades, onde as condições climáticas sejam semelhantes.

Como já referi anteriormente na realização desta atividade, eu e os meus colegas de estágio não tivemos um papel muito ativo quer na preparação da atividade, quer no dia da atividade. A atividade foi toda ela preparada pelo grupo de Ed. Físicas da escola EB 2,3 de Penafiel Sul, os professores do nosso grupo apenas tiveram que inscrever os seus alunos.

4.2.4. JOGOS TRADICIONAIS

Os jogos tradicionais realizaram-se no dia 6 de fevereiro, esta foi uma atividade onde a minha participação já foi muito maior comparativamente com a atividade anterior, corta-mato.

O dia dos jogos tradicionais é já tradição nesta escola, onde participam as turmas do 3º ciclo, é uma manhã diferente para estas turmas. Estes jogos são organizados pelo grupo de EF.

Os jogos tradicionais são constituídos pelo jogo das latas, jogo da colher, jogo da patela, jogo dos sacos, jogo do ski, e jogo da corda. Jogos ditos tradicionais e que se podem realizar com materiais simples.

Na preparação dos jogos foi necessário adquirir algum material, nomeadamente os sacos e os skis que a escola não tinha. Os skis utilizados em anos anteriores não costumam chegar à competição, pois estragam-se antes do início das provas. Este ano foram construídos uns skis novos, com um reforço na madeira para a fita dos pés não sair e a expectativa era grande para perceber até quando duravam os skis e a verdade é que este ano os skis duraram toda a competição e o jogo foi um sucesso. Foi aqui que começou a minha participação nesta atividade, fui o responsável pela construção dos skis.

Os estagiários estiveram envolvidos na orientação dos jogos, eu estive envolvido nos juízes do jogo da colher e como cronometrista do jogo dos skis, mas também ia passando pelos outros jogos não só para ver como estavam a decorrer mas para ver se era necessário algum tipo de ajuda.

Penso que esta atividade correu bastante bem, contudo houve uma situação que na minha opinião não foi bem planeada e que deixou um pouco a desejar, que diz respeito à parte final da atividade, anúncio das classificações e entrega de prémios algo que não aconteceu. Penso que neste tipo de atividades seria importante no final anunciar as classificações para que os participantes saibam em que lugares ficaram, pois muitos ficaram sem saber a classificação final. Também entendo que em qualquer atividade que envolva competição se deve entregar prémios, nem que seja só de participação. Fica assim uma sugestão para o próximo ano.

Esta atividade permitiu-me ter um maior contato com as outras turmas do 3º ciclo e perceber um pouco a sua realidade, e assim compará-la com a minha turma. Pude perceber que existe de tudo um pouco nas turmas de 3º ciclo, existem turmas que gostam de participar e de se envolver nas atividades e têm um comportamento exemplar, mas também existem turmas que não revelam interesse em participar nas atividades e quando participam revelam comportamentos desapropriados.

4.2.5. COMPAL AIR

Inicialmente o Compal Air estava programado para o 1º Período, mas devido às condições climatéricas que colocaram o pavilhão sem condições para a prática desportiva o torneio teve de ser adiado. Assim esta atividade decorreu no dia 14 de março.

O Compal Air é um torneio organizado por idades, ou seja, dentro da turma as equipas tinham de ser constituídas por alunos do mesmo escalão e dentro de cada turma podia existir mais que uma equipa desde que não fosse do mesmo escalão. A nossa escola acolheu também as equipas da escola de Penafiel Sul, com exceção do escalão de infantis em que o torneio decorreu nessa escola para onde foram as equipas da nossa escola desse escalão.

Na preparação do torneio os estagiários estiveram envolvidos na construção do quadro competitivo. Foi nesta atividade que tive maior participação na preparação do torneio, também ajudei na marcação dos campos na véspera do torneio.

No dia do Compal Air fiquei responsável pelo supervisionamento de um campo, para controlar se o jogo decorria com respeito entre as equipas e pelo árbitro. Também fiquei responsável por chamar as equipas e indicar o campo em que iam jogar momentos antes do início do jogo.

Algo que aconteceu durante o torneio e que acho que foi benéfico para os alunos e para quem assistia ao torneio, foi que a determinada altura encontraram-se duas equipas com vários jogadores de Basquetebol o que levava a um jogo muito mais fluido e com muito mais qualidade, o problema é

que este jogo estava previsto decorrer num campo com menores dimensões o que iria sem dúvida prejudicar os jogadores e a qualidade do jogo.

Perante isso os professores decidiram alterar o jogo para o campo maior, trocando com um outro jogo, isto foi sem dúvida decisivo para o grande espetáculo que as duas equipas proporcionaram e para que os alunos tivessem demonstrado todas as suas capacidades.

O torneio decorreu dentro da normalidade, tendo como é normal começado um pouco mais tarde do que o previsto, mas a partir do momento em que começou, desenrolou-se sem interrupções ou atrasos.

Algo que na minha opinião voltou a falhar e que já tinha acontecido com os jogos tradicionais foi a entrega dos prémios, embora desta vez as equipas vencedoras tivessem tirado uma fotografia para o jornal da escola, não houve entrega de medalhas, algo que normalmente os alunos gostam e dão muito valor, mas que mais uma vez foi esquecida pela organização. Penso que este é um aspeto que deve ser revisto na organização dos torneios.

4.2.6. CORRIDA SOLIDÁRIA

No dia 15 de março da parte da manhã realizou-se a IV Corrida Solidária, uma corrida que foi realizada em forma de caminhada e que contou com a presença de toda a comunidade educativa, docentes, discentes e auxiliares. Esta foi uma iniciativa de valorizar, pois promoveu o convívio de toda a comunidade e o gosto pela atividade física, pois envolveu um percurso de uma distância considerável.

Esta foi uma iniciativa organizada em conjunto com a escola de Penafiel Sul, mas na prática essa organização conjunta não funcionou uma vez que no local de encontro das escolas, o Parque da Cidade de Penafiel, não existiu uma verdadeira união pois as escolas não participaram na mesma atividade, estava a existir por parte da escola de Penafiel Sul uma atividade de dança e a nossa escola não se incorporou nessa atividade, apenas deu uma volta ao parque e regressou à escola, penso que isso foi de facto o ponto menos positivo de atividade.

Penso que numa futura iniciativa do género e sendo realizada em conjunto com outra escola deveria existir uma participação conjunta em toda a atividade, o que não aconteceu.

A função dos professores estagiários nesta caminhada foi assegurar que nenhum dos participantes ficava para trás ou desistia, para isso mantiveram-se juntos no final da multidão de alunos que realizaram a caminhada.

Um dos pontos positivos desta atividade foi a boa organização e o respeito por parte dos alunos durante a caminhada, pois sendo o percurso realizado na estrada, onde passam carros há sempre a possibilidade de os alunos dispersarem e terem comportamentos desapropriados para a situação, mas isso não aconteceu muito por culpa do grande controlo exercido por parte dos professores que acompanhavam a atividade.

4.2.7. FEIRA DA PRIMAVERA

No dia 10 de maio realizou-se a Feira da Primavera na escola. Um dia que todos os anos se comemora na escola, onde cada turma monta a sua barraquinha para vender algo, uns vendem comida, outros, peças decorativas, roupa entre outras coisas. É uma final de tarde e noite diferente que permite o convívio de toda a comunidade, não só a comunidade escolar, mas também com os pais e famílias dos alunos, assim como outras pessoas que queiram visitar esta feira.

O núcleo de estágio aproveitou este dia para realizar o evento culminante da projeto que decorreu ao longo do ano letivo junto de um grupo de raparigas denominado “Futsal Feminino” (já referenciado anteriormente).

Durante este dia estive na escola até tarde envolvido nas atividades que os alunos iam realizando, como por exemplo a final do torneio de futsal organizado pela associação de estudantes.

Durante a noite fui circulando pelas várias barraquinhas e mais uma vez fui sentindo aquilo que é verdadeiramente ser professor, pois ia conversando com os alunos num contexto descontraído, onde eram abordados os mais

diversos temas e onde ficou evidente uma proximidade que já existe no final do ano entre mim e os alunos, não só os da minha turma, mas de toda a escola.

Durante toda a noite e sempre que circulava pelas barraquinhas ouvi os alunos “oh professor venha à nossa barraca” ou então “oh professor não se esqueça de vir aqui tomar café”, e foram estas palavras entre outras que me fizeram refletir um pouco sobre o que é verdadeiramente ser professor, e é muito mais do que o ato de ensinar, é ter uma relação próxima dos alunos e ser um conselheiro para eles, é saber orientá-los. Embora já tivesse um pequena ideia disso, hoje ficou mais evidente a importância dessa proximidade e da importância que a relação professor aluno tem no sucesso dos alunos na escola.

Esta feira foi um momento importante para mim no que diz respeito à relação com a comunidade, foi o momento em que tive mais proximidade e contato com toda a comunidade, onde me senti verdadeiramente professor.

4.2.8. CRIAR LAÇOS

No dia 24 de maio estive envolvido numa visita de estudo organizada pela disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), designada como “Criar Laços”, mais um momento de relação com a comunidade escolar, no caso com os alunos do 7º ano de escolaridade.

Esta visita de estudo a Braga teve como principal objetivo promover o convívio dos alunos para que se proporcionem situações confraternização entre os alunos e mesmo com os professores, tendo as atividades radicais sido o meio escolhido para promover essas relações.

Foi um dia diferente tanto para mim como para os alunos e foi mais um momento diferente nesta etapa de professor estagiário. Foi uma experiência nova e bastante enriquecedora para mim, pois pude sentir ao longo de todo o dia uma maior proximidade com os alunos.

Para o professor o controlo dos alunos torna-se uma tarefa é bastante fácil neste tipo de situações, pois aqui os alunos estão porque querem, e por

norma estão bastante motivados para este tipo de situações. Assim o professor exerce apenas função de supervisão do comportamento dos alunos.

Relativamente ao decorrer da atividade, inicialmente os monitores formaram grupos de forma a dividir os alunos pelas diferentes atividades, para evitar que estivessem todos na mesma atividade. Assim definiram cinco grupos e distribuíram os grupos pelas diferentes atividades.

Na minha opinião nesta fase os monitores deviam ter dito logo as regras de segurança e só depois ter composto os grupos, o que não aconteceu, pois definiram os grupos, o que criou alguma agitação nos alunos e só depois transmitiram as regras de segurança e neste momento já havia alunos que estavam completamente distraídos e não ouviram nada.

A minha função ao longo do dia foi acompanhar um dos grupos na realização das atividades. A primeira atividade realizada pelo meu grupo foi o “Tiro com Arco” e “Zarabatana”, nesta atividade todos os alunos do grupo participaram e demonstraram entusiasmo. Durante a realização da atividade penso que o monitor devia após a primeira explicação e todos terem experimentado as duas situações dividindo o grupo em dois, sendo que um estaria na “Tiro com Arco” e outro a “Zarabatana” com isto evitava a enorme fila de espera e conseguia que os alunos experimentassem mais vezes as atividades. Penso que este foi um ponto menos positivo desta atividade.

As atividades seguintes foram a “Gaivota” e “Canoagem”, aqui existiu alguma confusão devido à proximidade dos grupos, pois não era fácil distinguir quem pertencia a cada atividade. Aqui ocorreu o primeiro e único ato de falta de respeito por parte dos alunos, que não respeitaram as ordens dos monitores e rapidamente foram repreendidos e castigados pela professora responsável por esses alunos, que os proibiu de participar na atividade seguinte.

Nesta atividade ocorreu o primeiro momento marcante do dia, dois alunos não queriam realizar a atividade da “Gaivota” porque tinham medo, a minha missão foi convence-los, até que um deles disse “Eu vou se o professor também for”, aqui senti que os alunos confiavam em mim e que sentiam seguros comigo, e assim consegui convencer esses dois alunos a andar na

“Gaivota”, depois de experimentarem esses alunos sentiram-se seguros e voltaram a andar mais vezes, aí já sem a minha presença.

Na atividade da “Canoagem” voltou a acontecer algo semelhante com um desses alunos que disse que gostava de experimentar mas tinha que ir com o professor, e assim foi, fui com esse aluno andar de canoa de forma a este perder o medo, durante essa “viagem” o aluno foi dizendo coisas bastante engraçadas e que eu nunca pensei ouvir como professor estagiário, durante esse momento senti que era parte da vida desse aluno e que tinha contribuído para que ele tivesse momentos de felicidade e perdesse alguns medos.

Seguiu-se um período para almoço onde os alunos da minha turma se ofereceram para partilhar o seu almoço comigo, e onde existiu um contato ainda mais próximo com esses alunos e onde ficou visível que ser professor vai muito para além daquilo que é o momento na sala de aula, ser professor é contribuir para o desenvolvimento completo do aluno dentro e fora da sala de aula.

Da parte da tarde prosseguiram as atividades, com o meu grupo a estar inicialmente na “Escalada” passando depois para a “Subida pela rede e Slide Splash”. Na Escalada nem todos os alunos quiseram fazer, com medo, e neste caso não consegui convencer os alunos pois não dava para fazerem comigo, outros alunos não conseguiram chegar até ao topo da parede por falta de força, mas também porque a ajuda do monitor não era a melhor na minha opinião.

No slide e splash tive a melhor experiência do dia, não tanto pela sensação que é realizar o slide e splash, mas pelo que aconteceu com um aluno, o mesmo que na parte da manhã só andou de canoa comigo por se sentir mais seguro e que depois quis andar sempre. Nesta atividade esse aluno não queria fazer porque tinha medo do slide e porque pensava que não tinha força para subir a rede. Quando já estávamos perto do final do dia, o aluno dirigiu-se a mim e disse “Professor eu gostava de fazer, mas tenho medo, o professor ajuda-me a subir a rede e faz comigo o slide?”, claro que eu disse logo que sim e este pedido do aluno fez-me sentir mais uma vez importante para este aluno.

Ajudei o aluno a subir a rede, quando estávamos lá em cima à espera da nossa vez, o aluno começou a chorar a dizer que não queria fazer porque tinha medo. Tive de o abraçar limpei-lhe as lágrimas e tive a conversar com ele, disse-lhe que ele ia comigo e que não tinha nada que ter medo que ia ser bastante divertido e que ele podia dizer que fez com o professor e mais ninguém fez, ele olhou para mim sorriu e disse “Vamos então”.

Durante o salto consegui ver a cara de alegria e felicidade do aluno por ter conseguido saltar, e ouvi-lo dizer “Que fixe, obrigado professor”, neste momento tive a certeza que tinha criado com este aluno laços bastante fortes, onde o aluno confiou bastante em mim e via em mim muito mais que um professor, alguém em quem ele podia confiar e que podia contar sempre.

Mais uma vez senti verdadeiramente o que é ser professor, é muito para além do que acontece no momento da aula, é a criação de laços com os alunos, é ajudar os alunos no seu dia-a-dia, é conduzir os alunos não só no seu dia-a-dia escolar, mas também guiá-los nas suas escolhas diárias.

Esta atividade em que participei, onde estive envolvido ao longo do todo o dia com os alunos, fora do contexto da escola, mas sempre com a relação professor aluno presente foi extramente importante para que eu tivesse consciência do que é verdadeiramente ser professor e do que o professor significa para os seus alunos. Embora todos falem da importância do ser professor fora do contexto da sala de aula, do que é ser verdadeiramente professor e da importância que o professor tem na vida do aluno, só vivenciando determinadas experiências, como as que vivi neste dia, percebemos e sentimos o que é ser professor na sua plenitude.

4.2.9. TORNEIOS DE FINAL DE ANO

No dia 14 de junho, último dia de aulas, decorreram os torneios de Voleibol e Basquetebol para os 10º e 7º anos respetivamente. Na preparação dos torneios os professores das suas turmas tiveram de formar equipas para participar no torneio, sendo que cada turma podia ter mais que uma equipa, quer nos rapazes, quer nas raparigas.

Estive junto com os meus colegas de estágio e outro professor envolvido na planificação do quadro competitivo. Tarefa que na minha opinião deveria ser feita em dias anteriores ao torneio, e não apenas no dia do torneio como aconteceu.

Embora existissem dois torneios, apenas estive envolvido de forma ativa no torneio de Basquetebol, pois era o torneio que eram precisos mais professores, porque ao mesmo tempo estavam a decorrer quatro jogos, tendo de haver quatro árbitros e foi nessa função que estive envolvido durante todo o torneio.

A função de árbitro era algo que ainda não tinha vivenciado num torneio, apenas tinha sido árbitro no dia aberto no jogo de futebol, ou seja num contexto completamente diferente, onde não havia nada em disputa. Neste torneio e na função de árbitro pude aplicar os meus conhecimentos relativos às regras do Basquetebol, assim como gerir o entusiasmo de alguns alunos em determinados jogos. Foi uma experiência que ficará para sempre na minha memória do ano de estágio.

Pela primeira vez em todos os torneios que estive envolvido ao longo deste ano a cerimónia de entrega das medalhas foi digna de um torneio. No torneio de Basquetebol estiveram presentes os alunos participantes, alguns professores para entregar as medalhas, e um professor a tirar fotografias, foi um momento bonito de se ver e que certamente ficará na memória dos alunos.

Na minha opinião estes foram os torneios que mais se destacaram de todo o ano letivo, não pela sua organização, nem pela forma como decorreu, que tal como em torneios anteriores correu bastante bem e sem problemas ao nível da organização, mas sim pelo momento que os alunos mais gostam e onde existe maior festividade, que é a entrega das medalhas. Penso que esse foi o ponto mais positivo destes dois torneios.

4.3. ÁREA 4 – “DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL”

A profissão docente é uma profissão que está constantemente em evolução, novos conteúdos, novas formas de os transmitir, diferentes formas de organizar a turma. Por isso, está é uma profissão em que temos de estar em constante evolução, em que todos os dias aprendemos, em que devemos refletir sobre os acontecimentos, em que devemos procurar melhorar a cada dia que passa. Foi nesse sentido que desenvolvi todo o meu ano de estágio, com o objetivo de desenvolver as minhas competências profissionais todos os dias.

Nesse sentido o desenvolvimento das minhas capacidades enquanto professor foi uma preocupação constante. Foi através da reflexão contínua sobre a minha prática diária que evolui. Essa reflexão tornou-se extramente importante para a minha evolução, pois foi juntando os conhecimentos teóricos com a minha capacidade de refletir o que estava acontecer na prática que cresci enquanto professor.

A reflexão que fazia das minhas aulas no diário de bordo foram o reflexo daquilo que foi a minha análise e evolução ao longo do ano. As observações por mim efetuadas aos meus colegas de estágio, assim como ao professor cooperante, permitiram-me ter uma outra visão da postura e comportamentos dos professores assim como de vários tipos de organização de aula, isto permitiu-me estabelecer comparações com a minhas aulas e refletir sobre determinados aspetos.

Isso fez-me perceber que a postura do professor e os seus comportamentos, assim como a forma que é organizada a aula é em grande parte determinada pelo contexto da sua turma. Uma organização de aula pode ser excelente na minha turma e ao aplica-la numa outra turma não ter o mesmo resultado.

Refletindo percebi que uma capacidade que um professor deve ter melhor desenvolvida é a capacidade adaptativa, pois deve ser capaz de se conseguir adaptar rapidamente a um contexto diferente, com alunos diferentes. Fui desenvolvendo esta capacidade ao longo do estágio, pois nos momentos em que o professor cooperante ou outro professor do grupo não podiam

comparecer para lecionar a sua aula, era eu juntamente com os meus colegas de estágio que ficávamos encarregues de os substituir, e ao ter contato com uma realidade distinta tinha de me adaptar rapidamente. Este tipo de experiências com outras turmas, influenciaram bastante o meu crescimento e desenvolvimento profissional.

Os meus colegas de estágio também tiveram um forte contributo no meu desenvolvimento, através dos feedbacks que me iam transmitindo sobre a minha atuação. Situações como o meu posicionamento, o momento da instrução, foram alvo da observação, e que após receber os FB e refletir sobre eles, consegui melhorar esses aspetos da minha atuação.

O professor cooperante e professoro orientador, também foram agentes ativos do meu processo de desenvolvimento profissional. O primeiro através dos feedbacks que diariamente me transmitiu sobre a minha atuação, intervindo também sobre o meu planeamento de forma a melhorá-lo. O segundo, pelos três momentos em que estive na escola e onde observou a minha atuação, mas também por todo o acompanhamento ao longo do estágio, onde me transmitiu conhecimentos extramente importantes para o meu futuro.

Para além de tudo o que já referi foram também importantes ao longo deste ano intenso de aprendizagens as reuniões de departamento, de grupo e de núcleo. Foram excelentes momentos de aprendizagem, onde pude ouvir professores mais experientes, expondo os seus pontos de vista, e através da junção de várias opiniões que me levavam a refletir, pude construir a minha própria opinião sobre os mais variados temas relacionados com o ensino de uma forma geral, e do ensino da EF de uma forma particular.

As reuniões do núcleo foram extramente importantes para partilhar conhecimentos, debater ideias, assim como para analisar a prestação diária de cada um. Nestes momentos foram muitos importantes os FB que recebi, quer do professor cooperante quer dos meus colegas de estágio, pois através desses FB tive uma outra perceção da minha atuação e pude evoluir em vários aspetos.

O meu desenvolvimento profissional não se fez só através de momentos formais, momentos não formais, como almoços, discussões no bar assumiram-

se como momentos importantes da minha aprendizagem. Muitas vezes foi nesses momentos que adquiri conhecimentos para a minha atuação diária, recordo-me de um almoço com o núcleo de estágio, onde também estavam presentes o professor cooperante e o professor orientador, como uma dos momentos de maior aprendizagem neste estágio. Onde debatemos de forma informal vários assuntos relacionados com a prática que me fizeram refletir e evoluir enquanto professor.

Neste momento, sinto-me mais capaz de levar a cabo todas as tarefas que um professor deve ser capaz de realizar, desde a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação. Sinto que ao longo deste ano consegui realizar um desenvolvimento contínuo, equilibrado e sustentado das minhas competências profissionais.

5. CONCLUSÃO

5. CONCLUSÃO

O estágio veio reforçar a minha ideia inicial acerca da sua importância para a minha futura carreira docente, uma vez que me proporcionou uma visão mais ampla da realidade, assim como uma previsão quanto ao futuro e à necessidade de uma atitude profissional em relação ao processo educativo, em geral e da disciplina de EF em particular.

Há pois, um longo caminho à minha frente, recheado de contrariedades e obstáculos, que tenho de contornar com esforço, procurando sempre os melhores meios para o fazer com eficácia, sendo fundamental o empenho e uma atitude de conquista na procura da “vitória”. Os sucessos, depois de conseguidos, devem constituir-se como pontos de partida para outros caminhos.

Este documento constitui-se uma visão global do que foi o meu ano de estágio. Ao redigi-lo efetuei uma retrospectiva do que foi acontecendo ao longo do ano, os momentos mais marcantes, a minha relação com os alunos, as atividades em que estive envolvido, no fundo aquilo que foi a minha evolução ao longo do ano.

No início do estágio, a ansiedade e insegurança induziram-me a cometer alguns erros, que de uma forma natural, foram progressivamente ultrapassados. Agora sinto que evoluí muito na minha forma de atuar nas aulas, aumentei o meu nível de conhecimentos das matérias lecionadas, consegui refletir com objetividade e acima de tudo, consegui interagir eficazmente com todos os elementos que intervêm no processo educativo.

O EP revelou-se uma experiência muito enriquecedora, onde a realidade escolar foi vivenciada de uma forma apoiada. Se este ano não existisse no meu percurso académico o meu desenvolvimento e as minhas competências como professor não seriam aquilo que são no final desta minha formação académica. Considero este ano um ano significativo e extramente importante para o meu desenvolvimento profissional.

Mais uma etapa, um dos objetivos a que me havia proposto chegou ao fim. Surge agora a necessidade de uma formação contínua para assim

atualizar e consolidar a formação inicial. Como as minhas aspirações profissionais não ficam por aqui, é altura de formar novos objetivos e metas a alcançar. Pois tenho a plena consciência que ainda tenho muito para aprender.

Terminado o EP sinto que cumpri com êxito todas as minhas funções na escola. Com a consciência que a minha formação acadêmica foi realizada com as bases perfeitas para ser hoje um profissional na área da educação com as competências necessárias para atuar na escola.

6. REFERÊNCIAS

6. REFERÊNCIAS

- Bayer, C. (1994). O Ensino dos Desportivos Coletivos. Dinalivro, Lisboa.
- Bento, J. (1987). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros Horizonte, Lisboa.
- Costa, F. C. d. (1995). O Sucesso Pedagógico em Educação Física Estudo das Condições e Fatores de Ensino-Aprendizagem Associados ao Êxito numa Unidade de Ensino. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade Motricidade Humana.
- Cunha, A. (2008). Ser Professor: Bases de uma Sistematização Teórica. Braga: Casa do Professor.
- Crum, B. (1993). Conventional thought and practice in physical education: problems of teaching and implications for change. *Quest*, 45, 339-356.
- Estrela, M. T. (1994). Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. Portugal: Porto.
- Gallahue, D.I, & Ozmun, J.C. (2002). *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: Phorte.
- Matos, Z. (2012). Normas orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. Documento não publicado. FADEUP.
- Matos, Z. (2012). Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. Documento não publicado. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Mesquita, I. & Rosado, A. (2011). *Pedagogia do Desporto*. Faculdade de Motricidade Humana. Edições FMH.
- Pereira, C.O. (2002) *Estudo dos Parâmetros em Crianças de 02 e 06 anos de Idade na Cidade de Cruz Alta*. Dissertação de mestrado (Ciências do Movimento Humano). *Centro de Ciências da Saúde e do Esporte da Universidade do Estado de Santa Catarina – CEFID/UDESC*.
- Pieron, M. (1992). *Pedagogie des Activités Physiques et des Sport*, ed. Revue EPS, Paris.
- Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física*. Edição do Instituto Politécnico de Bragança.
- Rodríguez, E. (2003). Método de enseñanza de la Educación Física: descubrimiento guiado. IN Revista Digital “Efdeportes”, 9 (63). (<http://efdeportes.com/efd63/metodo.htm>)
- Rosado, A. (2011). *Pedagogia do desporto e Desenvolvimento Pessoal e Social*. In. A. Rosado, & I. Mesquita (Ed.). *Pedagogia do desporto* (pp. 9-20). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
- Sanchez, D. (1992). *Evaluar en Educacion Fisica*, INDE Publicacions.
- Vickers, J. (1990): *Institutional design for teaching Physical Education*. Champaign, IL: Human Kinetics.